



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**

ONDE MORA A SEDE: ENTRE BALDE E GOTAS

**Fotolivro Jornalístico sobre a falta de água
potável na Reserva Indígena de Dourados**

ELIEL DE OLIVEIRA DIAS

**Campo Grande
Novembro /2025**

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ONDE MORA A SEDE: ENTRE BALDE E GOTAS

**Fotolivro Jornalístico sobre a falta de água
potável na Reserva Indígena de Dourados**

ELIEL DE OLIVEIRA DIAS

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador(a): Prof. Dr. Silvio da Costa Pereira

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: Onde mora a sede: entre baldes e gotas - Um fotolivro jornalístico sobre a falta de água potável na Reserva Indígena de Dourados

Acadêmico: Eiel de Oliveira Dias

Orientador: Silvio da Costa Pereira

Data: 27/11/2025

Banca examinadora:

1. Rafaella Lopes Pereira Peres
2. Ykaruni Costa da Silva Nawa

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca destaca a relevância social do trabalho. Estimula a circulação do material, bem como a devolutiva à comunidade. E reforça a importância de realizar as revisões apontadas.

Campo Grande, 27 de novembro de 2025.

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC** **UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Silvio da Costa Pereira, Professor do Magisterio Superior**, em 27/11/2025, às 17:18, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

**NOTA
MÁXIMA
NO MEC** **UFMS
É 10!!!**



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 27/11/2025, às 17:25, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6019473** e o código CRC **0262CB11**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015712/2025-27

SEI nº 6019473

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



AGRADECIMENTOS

Esse fotolivro e a conclusão desta graduação não chegaria a acontecer sem a ajuda e o apoio de várias pessoas cruciais e importantes para o meu crescimento e formação profissional e também pessoal. Primeiramente quero agradecer à minha família, meu pai, minha mãe e minha irmã, que desde o começo me ajudam muito, mesmo depois de uma formação acadêmica, eles me apoiaram a começar um outro curso, dispostos a me ouvir e apoiar quando necessário, seja emprestando o carro para atividades das disciplinas, como pautas ou outras, seja me ajudando financeiramente. Se não fosse por eles, eu não chegaria a este momento, por isso, sou extremamente grato.

Não posso deixar de agradecer também aos meus professores Silvio Pereira e Rafaella Peres, duas grandes referências para mim dentro do curso. Ao professor Silvio, que reacendeu minha paixão pela fotografia, apagada há um bom tempo, e que me orientou com tanta dedicação nesta jornada de conclusão de curso. Agradeço por estar sempre disposto a me ajudar, ouvir e aconselhar, por acreditar no meu potencial e por ter embarcado comido de forma tão comprometida nesta pauta tão necessária, que levou além dos limites de Campo Grande/MS. À professora Rafaella, que desde a primeira aula me despertou o interesse por uma área que eu nunca tinha imaginado explorar: o design/a comunicação visual. Sempre disposta a conversar, orientar e compartilhar dicas, além da paciência que sempre teve comigo, em especial, quando eu tinha dificuldade em compreender algum conceito. Vocês dois me inspiraram e contribuíram diretamente na criação deste fotolivro, resultado da união de paixões, que também aprendi a cultivar ao longo do curso, a fotografia e o design.

Também agradeço os amigos do curso que sempre estiveram ao meu lado, lendo meus textos, vendo meus trabalhos, me dando apoio emocional ou, simplesmente, estando lá me escutando, me elogiando e me animando. Agradeço especialmente ao Pedro Vieira, Gabriel Diniz, Milena Melo, Anne Evelyn, Sandy Micaela, Gaby Pedra, Geanne Beserra, Maria Luiza, Juca, Dayanny Amorim e Gabriel Ruas, além de outros que passaram durante minha vida acadêmica, meu mais sinceros agradecimentos.

Agradecer, também, a três pessoas que foram de extrema importância para mim e que carregam esse fotolivro comigo, minha irmã Erianai de Oliveira Dias, Helder Carvalho e Jainne Alcântara, cada um deles desempenhou um papel muito importante na criação desse

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO



fotolivro. A minha irmã Elianai, agradeço por todo o apoio e dedicação ao longo desse processo. Sempre disposta a me ajudar com hospedagem, a procurar o melhor hotel em Dourados - o mais bem localizado e seguro - para que eu pudesse me concentrar no trabalho de captação. Sua atenção e cuidado foram essenciais para que tudo acontecesse da melhor forma possível. Te agradeço muito mana. Ao Helder Carvalho, agradeço aceitar comigo essa jornada até a Reserva, mesmo sem receber nada em troca. Sua disponibilidade, parceria e companheirismo foram fundamentais em todos os momentos, especialmente na ajuda com o suporte técnico. Sem sua presença, eu não teria conseguido dar conta de tantas responsabilidades ao mesmo tempo, e a execução do trabalho teria sido muito mais difícil. A Jainne Alcântara, agradeço por ter aberto as portas da Reserva para mim, mesmo não morando mais lá, topou o desafio de me acompanhar, viajando de madrugada, atuando como minha guia e ponte de contato com a comunidade. Sua disposição e o conhecimento sobre o local fizeram toda a diferença. Sou profundamente grato pela sua amizade e pela confiança depositada em mim durante todo esse processo.

E, por fim, quero agradecer a você, o Eliel de quatro anos atrás, que entrou neste curso com receio de recomeçar, e que mesmo com incertezas e medo, decidiu se arriscar mais uma vez. Hoje posso te dizer que valeu a pena, pois essa escolha mudou muita coisa. Foi nesse novo caminho que nos encontramos profissionalmente e descobrimos uma paixão verdadeira pela área que iremos exercer com orgulho e prazer.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

RESUMO:	7
INTRODUÇÃO.....	8
1 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	11
1.1 Execução:.....	11
1.1.1 - Escolha do tema, pesquisa e escolha do produto.....	11
1.1.2 - Contato com lideranças locais e permissões necessárias.....	12
1.1.3 - Reserva Indígena de Dourados.....	13
1.1.4 - Seleção e edição de textos e imagens.....	17
1.1.5 - Projeto Gráfico e montagem do fotolivro.....	18
1.2 Dificuldades Encontradas.....	24
1.3 Objetivos Alcançados.....	26
2 - SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS.....	28
2.1 - História dos Povos Indígenas no Brasil.....	28
2.2 - Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul e na Reserva Indígena de Dourados.....	30
2.3 - Direitos sobre a água no mundo e no Brasil.....	34
2.4 - Direitos sobre a água em MS e na Reserva Indígena de Dourados.....	36
2.5 - Fotolivro.....	37
2.5.1 - Fotolivro Digital.....	39
2.5.2 - Projeto Gráfico.....	40
2.5.3 - Fotografia documental.....	41
2.5.4 - Jornalismo Hipermidiático.....	42
3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
4 - REFERÊNCIAS.....	46



RESUMO:

Este trabalho apresenta o processo produtivo do fotolivro “Onde mora a sede”. Por meio de uma narrativa visual composta por registros fotográficos, audiovisuais e textuais, foi produzido um produto hipermidiático sobre a falta de água potável na Reserva Indígena de Dourados. O objetivo deste projeto experimental é apresentar através de um fotolivro hipermidiático, como os povos originários da Reserva Indígena de Dourados convivem sem a falta de água potável. Para conseguir realizar este trabalho, foram feitos levantamentos teóricos sobre, os povos indígenas, direitos sobre a água , fotolivro, fotolivro digital, projeto gráfico, fotografia documental e jornalismo hipermídia. A metodologia envolveu, autorizações, entrevistas, observação de campo, registros foto-audiovisuais, produção do fotolivro hipermidiático e elaboração do relatório final. O fotolivro é, portanto, o resultado principal da tentativa de documentar a rotina e as adaptações diárias de quem vive com o problema de acesso à água potável. Criado a partir de uma abordagem ética e sensível, o projeto buscou visibilizar os moradores, tornando-se uma ferramenta de sensibilização para a sociedade sobre um problema que persiste há muitos anos em Mato Grosso do Sul (MS).

PALAVRAS-CHAVE:

Jornalismo; fotografia; Jornalismo Visual; População Originária; Falta de água potável



INTRODUÇÃO

Mato Grosso do Sul (MS) é, em 2025, o terceiro estado com o maior número de povos indígenas no Brasil. Juntos, os Terenás, Guaranis, Kaiowá, Kadiwéu, Kinikinaw, Atikun, Ofaié e Guató, totalizam 116,4 mil indígenas, o que representa 4,22% do total de habitantes do estado, segundo o último censo do IBGE¹ de 2022. Está atrás apenas do estado da Bahia, com 229,1 mil indígenas, e do Amazonas, com 490,9 mil. Esses povos determinam a história do nosso país e desses estados, mas muito pouco é feito para que possam ter uma vida digna, com saúde, educação, saneamento básico, entre outros direitos.

A Reserva Indígena de Dourados (RID)², instituída no dia três de setembro de 1917, é composta por duas aldeias: a Bororó e a Jaguapiro, juntas possuem cerca de 20 mil moradores, sendo a maior concentração indígena de MS. A Reserva possui uma área de aproximadamente 3.539 hectares, onde vivem três povos, os Terenás, os Guarani Ñandeva e os Guarani Kaiowá. Segundo Aragão (2016), a reserva foi estabelecida por meio do Decreto nº 401/1917 e, apesar do tamanho, poucos recursos são destinados a ela pelo governo do estado. O saneamento básico é um dos problemas mais recorrentes e as condições de pobreza são alarmantes, sendo a exclusão social um fator significativo. Além da negação de direitos e do acesso à documentação básica, o que torna as populações indígenas invisibilizadas para toda a sociedade (Alcântara, 2007).

Garantido na Constituição Federal de 1998, artigo 6º³, a água é um direito básico de qualquer ser humano. A Constituição indica que o estado tem compromissos com o bem-estar de seus cidadãos e a busca pela igualdade social. A água potável, porém, tem sido um problema recorrente na RID de Dourados. Segundo Fraiha (2024), um dos motivos é que as aldeias possuem um sistema de distribuição precária e improvisada, com tubulações expostas à superfície, o que acelera o desgaste do material. Este trabalho, portanto, teve o intuito de aprofundamento e registro sobre esta questão de acesso à água potável na Reserva Indígena de Dourados, por meio da execução de um fotolivro hipermediático. Para esta produção, foram captadas imagens fotográficas que pudessem retratar as dificuldades vividas pelos moradores da comunidade e demonstrar que o problema é bem maior do que parece. Portanto, se utiliza

¹ Disponível em: [Brasil tem 1,7 milhão de indígenas e mais da metade deles vive na Amazônia Legal](#)/acessado em 23/03/2025.

²Disponível em: [Reserva Indígena De Dourados - Libro Gratis](#)/ acessado em 08/04/2025

³ Disponível em: [O Artigo 6º da Constituição Federal de 1988: Os Direitos Sociais e a Construção de uma Sociedade Mais Justa | Jusbrasil](#) / acessado em 14/04/2025.



da imagem como um estímulo ao conhecimento e à sensibilização às questões indígenas. Atua, também, como uma forma de resistência e luta contra opressões e injustiças sociais.

Em geral, a concepção, a materialidade e formato dos fotolivros não apenas se dão em função do que se quer comunicar, mas também contribuem para a comunicação, num entrelaçamento incessante. A produção desses livros acontece menos pela imposição de uma ideia, um discurso pronto, uma forma, à uma matéria, do que pela prática de alinhar, de costurar relações de cooperação entre todos os elementos que constituirão o livro (Ramos, 2017, p. 29.).

Além da minha origem, sou indígena do povo Terena, da aldeia Córrego do Meio, no município de Sidrolândia, embora sempre tenha me declarado indígena, fui criado fora da aldeia, em uma chácara próxima ao contexto urbano de Chapada dos Guimarães (MT), sempre fui o único indígena na cidade e na escola durante o tempo que morei na cidade, e sempre vi o ponto de vista dos não indígenas uma opinião que sempre vinha de um só lado, e essa experiência que, somada ao fato de ser um dos poucos indígenas estudando comunicação no estado, reforçou meu olhar crítico diante das narrativas superficiais sobre meu povo.

O que norteou esse trabalho foi a indignação diante da falta de cuidados e a negação de direitos, por parte do estado, de um direito básico. Assim, o fotolivro expõe parte da realidade difícil da população das aldeias Bororó e Jaguapiru, por meio da fotografia jornalística, complementada por textos informativos e vídeos de entrevistas. O foco, foi enxergar o problema a partir, em especial, do ponto de vista desses povos, mostrando como a questão da água se manifesta no cotidiano de suas vidas e afeta seus modos de vida. O objetivo principal deste trabalho é “apresentar por meio de um fotolivro hipermidiático a realidade vivida com a falta de água pelos indígenas das aldeias Bororó e Jaguapiru, na Reserva Indígena de Dourados”, mostrando como esse problema afeta o cotidiano das comunidades. Entre os objetivos específicos, busquei “apurar a causa da falta de água potável e quais medidas estão sendo tomadas para solucionar o problema” e também “registrar de forma respeitável, por meio de imagens fotográficas, os pontos de vista de uma indígena sobre o problema de outro indígena”. Procurei ainda “evidenciar a falta de água nas aldeias por meio de acompanhamento e registro de imagem” e “produzir imagens impactantes e humanizadas sobre a situação vivida”, além de também “apurar as soluções que estão sendo debatidas e o que eu foi realizado até o momento”. Por fim, busquei “criar um fotolivro hipermidiático



sobre a realidade vivida com a falta de água pelos indígenas das aldeias Bororó e Jaguapiru na Reserva de Dourados, organizando as imagens para compor uma narrativa coerente.

A metodologia envolveu obtenção de autorização institucionais, contato com lideranças e famílias da Reserva, realização de entrevistas e observação de campo, registro fotográfico e audiovisual, produção de uma narrativa hipermediática com fotos, vídeos, áudios e textos, além da edição e diagramação do fotolivro.

Durante toda minha graduação, sempre que surgiam oportunidades de trabalhar com a temática indígena, eu fiz questão de aceitar o desafio. Muitas vezes até propus alguns deles. Embora não tenham sido muitas as oportunidades, foram experiências muito significativas para mim, pois abriram espaços de reflexão a respeito de um grupo social do qual faço parte. Esse produto jornalístico, portanto, além do cunho informativo, busca trabalhar a produção de imagens jornalísticas a partir da sua capacidade de comover, chocar e provocar empatia - e até mesmo ação em prol da população indígena -, conduzindo quem as vê, a um olhar mais crítico às questões sociais indígenas.

Neste relatório será abordado a execução desse projeto que documenta a realidade da falta de água na Reserva, combinando fotografias, textos e vídeos para construir uma narrativa visual e sensível sobre o cotidiano da comunidade. Desenvolvido ao longo de 2025, o projeto envolveu pesquisa histórica e legal, contatos com liderança locais e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), visita à reserva para captação de imagens e entrevistas, seleção do material, e montagem do fotolivro hipermediático. Entre os desafios estavam a dificuldade de acesso a informações oficiais, logística de viagens e complexidade de abordar um tema, tão pouco explorado, exigindo cuidado e sensibilidade.

O suporte teórico irá discutir a história e os desafios das comunidades indígenas em um contexto nacional e local, incluindo exclusão, perda territorial e acesso desigual à água e seus direitos básicos. Também aborda o fotolivro e a fotografia documental como formas de narrativa visual, enquanto o jornalismo hipermediático amplia a comunicação e a interação com o público.

Foi um trabalho que surgiu da necessidade de saber sobre a falta de água na RID e se tornou uma experiência de aprendizado ao permitir criar um fotolivro sensível e ético, dando visibilidade às histórias dos moradores da comunidade, ampliando vozes historicamente silenciadas e fortalecendo meu crescimento pessoal e profissional como jornalista indígena.



1 - ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Visando evidenciar a realidade e registrar um recorte da realidade sobre a questão de acesso à água na Reserva Indígena de Dourados, o fotolivro “*Onde Mora a Sede*” é resultado de um percurso de etapas desenvolvidas desde o início do ano de 2025. Por meio de pesquisa e visitas à RDI, foi possível construir esse fotolivro, que procura estabelecer uma narrativa visual sobre as dificuldades enfrentadas pela comunidade em seu cotidiano. Durante a fase de pesquisa e elaboração, decidi criar um produto composto não só por fotografias, mas também por textos e vídeos, configurando, assim, um fotolivro hipermidiático. Para isso, inseri links que dão acesso às entrevistas realizadas com os moradores da comunidade. O processo de criação do fotolivro envolveu diversas etapas: captação, edição e seleção de imagens, gravação de entrevistas em vídeos, edição das entrevistas, escrita dos textos, definição do projeto gráfico, além da produção, edição e correção do fotolivro.

1.1 Execução:

1.1.1 - Escolha do tema, pesquisa e escolha do produto

Sempre tive familiaridade com a temática indígena. Durante grande parte da minha graduação, tive diversas oportunidades de trabalhar com esse tema, mas nenhum desses trabalhos possuía o cunho social que este possui. O assunto da falta de água da RID de Dourados já era conhecido por mim desde uma visita à Reserva, em 2023. Como indígena pertencente ao povo Terena, ver parentes passando por necessidades me tocou e me fez escolher abordar o assunto. Assim, a busca por entender os motivos da falta de um direito tão básico, me motivou na criação desse projeto. Comecei as pesquisas sobre o tema, estudante desde a criação da RID de Dourados, em 03 de setembro de 1917, até as leis sobre os direitos de água para todos, entre outros.

Após ter definido o tema a ser abordado, precisei decidir sobre o formato, o que não foi uma escolha tão difícil, pois sempre tive um grande interesse em trabalhar com fotografias e, desde o começo da graduação, já sabia que queria fazer isso no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Com isso em mente, o formato escolhido foi o de um fotolivro. A escolha desse formato se baseia no percurso da minha graduação, na qual, principalmente o fotojornalismo, fizeram parte de um processo de crescimento pessoal e profissional.



Ainda, a partir da compreensão da importância da imagem na comunicação, foi possível perceber, e observar na prática também, a relevância da fotografia, especialmente do fotojornalismo e da fotografia documental, como meio de transmitir significados profundos e construir narrativas envolventes. Porém, por conta da complexidade e densidade do assunto, fazer apenas um fotolivro não pareceu suficiente para entender, com completude, o problema que os moradores da reserva passam. Por isso, ao longo do trabalho, decidi realizar um fotolivro hipermediático. Apesar de reconhecer o fotolivro como um produto impresso, como apontado na discussão teórica (item 2.5.1), esta produção não é composta apenas por fotografias, é acompanhada, também, por textos e vídeos, com informações adicionais e a ampliação da experiência do leitor ao conhecerem um recorte mais amplo da realidade vivida pelos moradores da comunidade registrada.

1.1.2 - Contato com lideranças locais e permissões necessárias

A realização do fotolivro se deu, também, graças aos contatos e conversas com lideranças e com quem já morou na região. Meu primeiro contato foi com Jainne Alcântara, indígena Terena da aldeia Água Azul, no município de Dois Irmãos do Buriti. Jainne morou com uma das lideranças da RID, quando fazia faculdade em Dourados e, devido a essa proximidade, foi a primeira pessoa que contei em agosto. Expliquei o trabalho e, por meio dela, consegui contato com o Capitão da Aldeia Jaguapiru, Ramão Fernandes, é importante explicar que a posição de capitão de uma das aldeias é feita através de uma eleição. No primeiro contato com Ramão, expliquei o projeto e o objetivo. Houve um retorno positivo sobre a realização e, para que não houvesse nenhum tipo de problema na realização do trabalho, ele solicitou que eu entrasse em contato com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

O contato com a FUNAI foi facilitado pela ajuda do meu pai, Henrique Dias, ex-coordenador da FUNAI de Campo Grande, em 2019. Ele ainda possuía contatos dentro da instituição e conseguiu conversar com Jackson Petinari dos Reis, servidor da Coordenadoria da FUNAI de Campo Grande, para que eu conseguisse a permissão de acesso e realização do projeto. Por meio dele recebi um Termo de Compromisso para assinar. Depois desse passo, voltei a entrar em contato com Ramão, para marcar a primeira visita à RID de Dourados. Com o processo burocrático realizado, a pedido do meu orientador, fiz um planejamento de



produção com base no cronograma apresentado no pré-projeto do trabalho (qualificado no semestre anterior).

1.1.3 - Reserva Indígena de Dourados

Com o planejamento concluído, passei a realizar as viagens até a Reserva. Foram várias idas ao longo de três finais de semana, saindo de Campo Grande nas tardes de sexta-feira e retornando no domingo à tarde. As duas primeiras viagens ocorreram em setembro, e a última, em outubro. No total, foram dois finais de semana com saída na sexta e retorno no domingo, e um final de semana com saída no sábado e retorno no domingo. Também foi produzido um Termo de Autorização de uso de Imagem, para que os entrevistados pudessem assinar e protocolar o uso de suas imagens. Nos finais de semana que fiquei em Dourados me hospedei em um hotel reservado pela minha irmã, Eliana de Oliveira Dias, que trabalha no ramo de turismo de viagens.

Entrei também em contato também, por e-mail, com o Ministério Público de Mato Grosso do Sul (MPMS), responsável pelas perfurações de poços na RID e após uma semana, recebi o retorno com documentos de todo o processo, assim como um registro de ações realizadas durante o ano de 2025. Devido à possibilidade de locomoção, consegui fazer três viagens para o local, passando finais de semanas para a realização desse fotolivro.

Em todas as idas à Reserva utilizei duas câmeras: uma Canon SL3, com uma lente 18-105 mm, que foi usada principalmente para captação de imagens fixas, e uma Canon T5I, com uma lente 18-55 mm, para captação das entrevistas em vídeo. Para registro de áudio, foi utilizado um microfone *Hollyland Lark M2 Duo Câmera Duplo p/ 2 Pessoas Sem Fio*. O objetivo foi fazer uma captação capaz de apresentar uma parte da realidade dos moradores da RID. Nas entrevistas em vídeo, o enquadramento foi planejado para capturar o entrevistado do ombro para cima, com o objetivo de dar destaque às suas expressões e à sua presença na cena. A abordagem para a captação desses vídeos ocorreu de maneira tranquila, considerando a relação criada com as/os entrevistados. De início eu me apresentava, explicava o propósito do trabalho e o que desejava com ele. Após essa conversa inicial e a concordância em participar, eu apresentava o Termo de Autorização para assinatura. No geral, todas as entrevistas planejadas foram realizadas com sucesso.

Já, com as imagens fixas, as fotografias, os enquadramentos foram planejados para chamar a atenção do leitor, variando entre planos fechados e planos abertos. Os planos



fechados tiveram como objetivo destacar detalhes, como a água e os baldes, enquanto os planos abertos mostraram não apenas o ambiente, mas também as diferentes formas de utilização da água, seja no transporte ou no uso direto. Já nos planos mais abertos, são vistas as imagens do rio, onde as pessoas estão nadando e se divertindo, capturadas com um enquadramento com maior amplitude e contextualização. Da mesma maneira, outras fontes de água, como córregos e poços, também foram registradas, mostrando a diversidade de acesso à água na comunidade.

As fotos foram feitas criando uma narrativa que evidencia como a água é utilizada e de onde ela pode ser retirada e armazenada, e os diferentes locais em que está presente, como rios, poços, caixas d'água e baldes. A captação de imagens só enfrentou problemas de iluminação uma vez, durante a entrevista com Augusto Gonçalves, de 60 anos, e Cristina Marques, de 59 anos, devido ao ambiente escuro. A situação foi resolvida com o uso de um bastão de luz para iluminar os entrevistados. No restante do tempo, a luz contribuiu positivamente para a qualidade das imagens.

A primeira visita ocorreu entre os dias 5 e 7 de setembro. Esse primeiro contato foi feito sozinho e como não havia locomoção disponível para esse final de semana, optei por alugar um carro na empresa Movida. O objetivo principal da visita foi conhecer a RID e realizar a primeira conversa com o Capitão Ramão, a fim de entender um pouco mais sobre o problema da falta de água. Nesta ocasião, não foram realizadas gravações nem registros fotográficos.

No dia 19 de setembro, entrei em contato com o Capitão para avisar sobre minha segunda ida à RID, com o objetivo de iniciar os registros fotográficos e entrevistas. Essa segunda ida ocorreu entre os dias 21 e 23 de setembro, na companhia de Helder Carvalho e Jainne Alcântara. Helder é fotojornalista, graduado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e ajudou no suporte técnico, e Jainne Alcântara, é indígena, ex-moradora da RDI e foi a guia na Reserva. Neste momento, destaco a importância de ter tido uma guia para que a locomoção na Reserva fosse mais ágil, devido ao tamanho dela. Nesta segunda ida, tirei mais de 300 fotos e realizei seis entrevistas em vídeo, onde cada entrevistado falou de seu problema em relação à água. Ubaldo Gonçalves, de 59 anos; Elizeu Rodrigues, de 79 anos; Capitão Ramão, de 67 anos; Luciene Fernandes, de 46 anos; Floriza Sol, de 65 anos; e George da Silva, de 68 anos foram os primeiros entrevistados; e para que essas entrevistas fossem realizadas, foi produzido um roteiro de perguntas para me guiar na execução (roteiro de perguntas se encontra no Apêndices).



A primeira entrevista foi realizada com Ubaldo Gonçalves, e ele explica a falta de comunicação entre as autoridades e a comunidade, bem como as “ajudas”, anunciadas sem aviso prévio. Além desses assuntos envolvendo as autoridades, ele fala também sobre sua experiência com a água e sobre a necessidade de racionamento. A segunda entrevista, foi com Elizeu Rodrigues, que possui algumas fontes de água em sua terra, sendo elas um pequeno córrego e um poço que abastece sua casa. Elizeu é o único entrevistado que nunca ficou sem água, devido ao poço - essa água é suficiente para abastecer toda a sua família (Figura 1).

Figura 1 – foto do poço na casa do entrevistado Elizeu.



Fonte: Produção do autor.

A terceira entrevista foi com o Capitão Ramão, que discutiu a falta de comunicação entre as autoridades responsáveis e a comunidade. O Capitão, assim como Elizeu, possui um poço próprio, mas bem menor. Ele comenta que, às vezes, é necessário abastecer as casas na comunidade, enchendo uma caixa d’água de 100 mil litros com a água de seu poço, colocando-a em uma caminhonete e distribuindo entre as casas que precisam. Ele ainda enfatiza que não recebe um centavo para atuar como Capitão. A quarta entrevista foi com Luciene Fernandes e ela foi a única que mostrou uma maneira diferente de armazenar a água, congelando-a em um freezer trancado, com medo de possível roubo. A quinta e a sexta entrevistas foram realizadas em conjunto, com Floriza Sol e George da Silva, os dois falaram



de religião e acesso à água. Ambos são professores da cultura Guarani Kaiowá e dão aula nos finais de semana, mas contam que esse ensino da cultura está cada vez mais difícil devido à falta de água.

Ao chegar em Campo Grande, após essa segunda viagem, iniciei a seleção das imagens produzidas. E nessa primeira seleção foquei em evidenciar as diferentes maneiras de armazenamento e uso da água. Foram selecionadas 62 imagens que mostravam a água em caixas d'água, baldes, poços e em algumas fontes naturais, representando as soluções adotadas pelos moradores no armazenamento cotidiano.

A terceira ida para a reserva foi feita com um prazo menor, por conta do plantão no emprego – pois na época da execução desse trabalho eu era repórter do site *Midiamax*. Essa ida, foi feita entre os dias 10 e 12 de outubro. A saída de Campo Grande aconteceu no sábado à noite e antes de seguir para Dourados, passei pela Aldeia Água Azul, no município de Dois Irmão do Buriti, para buscar a Jainne, que mais uma vez me acompanhou na viagem. Cheguei a Dourados de madrugada e, no domingo, realizei minha última visita à RID. Nesse dia, juntou-se a nós Pedro Henrique Fernandes, neto do Capitão Ramão e também morador da comunidade. Com a presença dele, foi possível acessar outros lugares da reserva.

O processo de captação de imagens, desta vez, teve como finalidade documentar o uso da água e as maneiras de obtê-la na Reserva, com destaque para rios e outras fontes naturais. Nesses dias, também foram registradas imagens que mostram a utilização da água como para o lazer e o modo como alguns moradores a coletam. Foram tiradas mais de 120 fotos e realizadas mais duas entrevistas, com Augusto Gonçalves, de 60 anos, e Cristina Marques, de 59 anos (Figura 2). Assim como nas entrevistas anteriores, eu me apresentei, expliquei o propósito do trabalho e o que desejava alcançar com ele. No entanto, a entrevista com eles não foi gravada em vídeo devido à falta de microfone. Foi, então, registrada em áudio, no celular, e por causa do vento forte que estava no dia, a gravação não pôde ser utilizada no trabalho. Augusto e Cristina contaram como acessam a água. A fonte mais próxima deles é um brejo que fica a 1 km da casa deles, dentro de uma propriedade particular acessada com a permissão do proprietário. Eles percorrem essa distância da casa ao brejo, pelo menos três vezes por semana, às vezes, com mais de uma viagem, e com um carrinho que pesa 4 kg e uma caixa d'água de 60 litros.



Figura 2 – foto dos entrevistados, que por conta da má qualidade sonora não entraram no fotolivro.



Fonte: Produção do autor.

1.1.4 - Seleção e edição de textos e imagens

Após a última ida à Reserva, realizei a seleção final das fotos, levando em consideração a luz, o foco e, principalmente, o potencial de cada imagem para construir uma narrativa coerente. O objetivo dessa seleção foi criar uma narrativa para alcançar o objetivo do trabalho e que fizesse sentido quando o leitor acessasse o fotolivro. As imagens selecionadas retratam os locais de coleta da água, como fontes naturais, poços e armazenamentos, e também mostram a água sendo utilizada para lazer, atividades recreativas ou uso diário. Além disso, as fotos dos entrevistados foram escolhidas de forma a destacar suas expressões e capturar melhor as interações com o ambiente e a água. O conjunto pretende criar uma narrativa construída para mostrar desde onde a água é achada, até as diferentes formas de armazenamento e utilização. Um recorte do cotidiano dos moradores da RID e as dificuldades em relação à falta de água.



Com a seleção pronta, importei todas as fotos para o *Adobe Lightroom*⁴, onde fiz o processo de edição. Passei alguns dias ajustando as imagens para definir o melhor tom de edição e garantir uma qualidade boa. Todas receberam edição de intensidade de contraste, além de ajustes de luz e cor. Em algumas, também, foi adicionado ruído. O uso de contraste elevado e de ruído teve como finalidade causar um incômodo visual, ainda que leve, chamando a atenção do leitor. As cores mais quentes foram aplicadas para transmitir a sensação de calor, ambiente seco e aridez, aproximando o leitor da realidade vivida pelos moradores ao buscar água.

Após essa etapa, todas as fotos editadas foram organizadas em uma pasta, separada para o uso na diagramação. Essa etapa foi um processo complexo, pois tive que refletir e realizar escolhas que ajudassem na construção visual da narrativa, o contar de uma história que fizesse sentido no acesso ao fotolivro. Paralelamente a essa etapa, finalizei também a decupagem das entrevistas, selecionando falas que revelam as experiências dos entrevistados em relação à água: como fazem para obtê-la, como a utilizam, como a armazenam e as dificuldades que têm para manter suas casas abastecidas. A redação dos textos derivados dessas falas e a edição das entrevistas em vídeo tiveram como finalidade destacar suas expressões e sua presença em cena.

A principal ideia do fotolivro é destacar as fotos, por isso optei em manter os textos menores, atuando como um complemento da informação visual. Os vídeos foram uma outra preocupação, pois assim como os textos são complementares, com o intuito de mostrar quem está por trás de algumas das histórias relatadas no fotolivro. Por isso, optei por deixar os vídeos curtos, com no máximo 5 minutos de duração, indicados com um *QRcode*, que leva à um acervo de vídeo do projeto?

1.1.5 - Projeto Gráfico e montagem do fotolivro

A construção do projeto gráfico (item 2.5.2) de fotolivro foi feito em conjunto com a edição e seleção de imagens e da produção do material audiovisual. Considero que tenho experiência em diagramação digital e impressa devido a meus trabalhos anteriores, como o Jornal-Laboratório Projétil, onde nas edições 102 e 103 fiz parte da equipe de Arte e fui

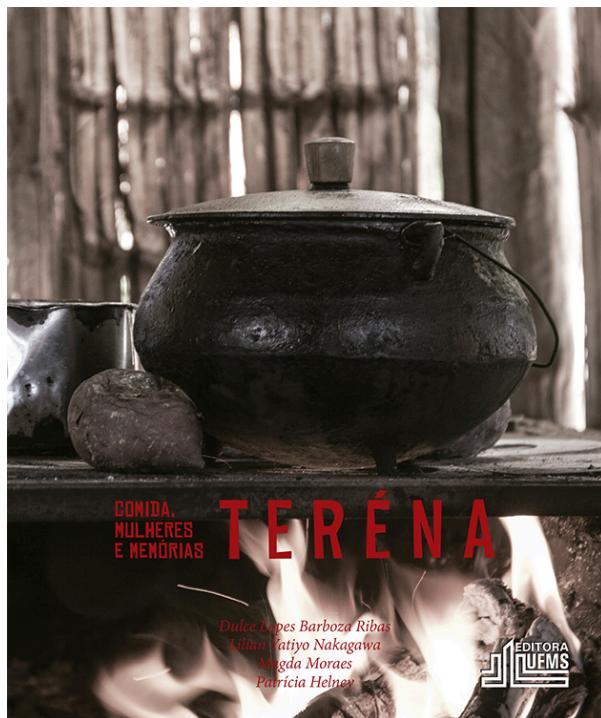
⁴ O *Adobe Lightroom* é um serviço que oferece para a criação, edição, organização, armazenamento e compartilhamento de fotos em qualquer lugar. Disponível em:Baixe o Lightroom: edição e organização de fotos para desktop, web e dispositivos móveis/acessado em 01/12/2025.



responsável não só pela diagramação, como também do fechamento de uma das edições. Com isso em mente, a partir das experiências em sala de aula em disciplinas obrigatórias do curso de Jornalismo, a realização do Projeto Gráfico e a diagramação deste trabalho de conclusão de curso foi viável para mim. Exatamente por isso, optei por realizar todo o processo de produção sozinho, sem terceirizar a produção. Essa decisão se deu, primeiro porque gosto e tenho familiaridade com diagramação e, segundo, porque acho muito importante acompanhar todo o processo produtivo, para que as decisões estejam todas correlacionadas.

Optei em fazer um fotolivro hipermidiático de forma apenas digital, pois devido a falta de tempo para a impressão, escolha da gráfica, tipo de papel, qualidade de imagens para impressão, também não podia arcar com as despesas de impressão. Por ser feito de forma digital optei por deixar o fotolivro em uma página única e horizontal, pois foi pensado para ser visualizado pelo celular e desktop. Assim, o projeto gráfico foi baseado em um fotolivro chamado de receita da culinária do povo Terena chamado ‘Comida, Mulheres e Memórias Teréna’ (Figura 3) da editora da UFMS. Esse fotolivro foi utilizado como referência devido ao seu formato e tamanho, e também por conta da leitura fácil e dinâmica.

Figura 3 – imagem capa do fotolivro Comidas, mulheres e memórias Teréna.



Fonte: <https://editora.ufms.br/produto/comida-mulheres-e-memoria-terena/>.



A paleta de cores (Figura 4) faz uso de cores saturadas, com alto contraste, com o intuito de chamar a atenção e, também, causar algum estranhamento, trabalhando com cores quentes para aumentar a sensação de calor, para reforçar secura e aridez do ambiente, aproximando o quem está vendo a realidade enfrentada pelos moradores em sua busca por água.

Figura 4 – imagem da paleta cromática.



Fonte: produção do autor.

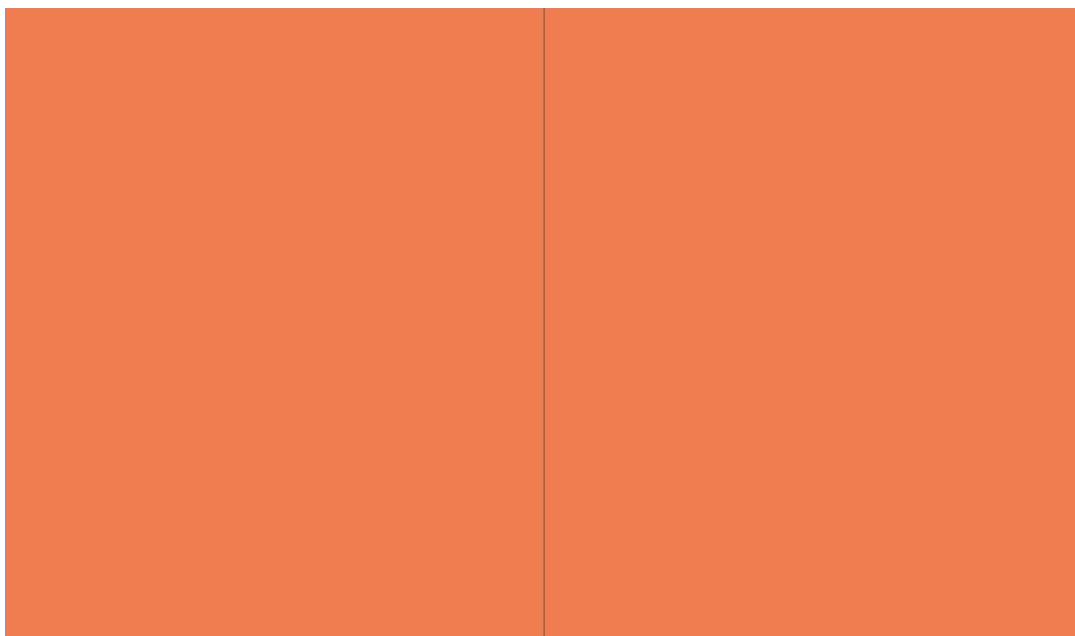
O projeto gráfico e a diagramação foram desenvolvidos no software *Adobe InDesign*⁵. O projeto gráfico foi estruturado a partir de um grid simples, organizando as imagens em sequências, para a posição de uma imagem inteira, para a posição de uma imagem, para a posição de duas imagens e para posição de três imagens (figuras 5, 6, 7 e 8),

⁵ O *Adobe InDesign* é um software profissional de diagramação para impressão e publicação digital, que possibilita criar, revisar e distribuir diversos tipos de conteúdo para mídias impressas, sites e aplicativos para tablets. Disponível em: [Software de design de layout e editoração eletrônica | Adobe InDesigns](#)/acessado em 01/12/2025.



os textos sempre mantidos para o lado direito e o link para acesso às entrevistas no canto inferior direito (figuras 6 e 7). Essa abordagem foi escolhida para evitar excesso de informação visual, garantindo uma composição mais limpa e facilitando a leitura e a compreensão do conteúdo, além de fácil acesso às entrevistas através do link. Para a construção de um fotolivro hipermidiático foram utilizadas a hipertextualidade conectando conteúdos por links, a multimidialidade combinando diferentes mídias em um mesmo material e a interatividade permitindo que o leitor participe ativamente da navegação e da construção de sentido.

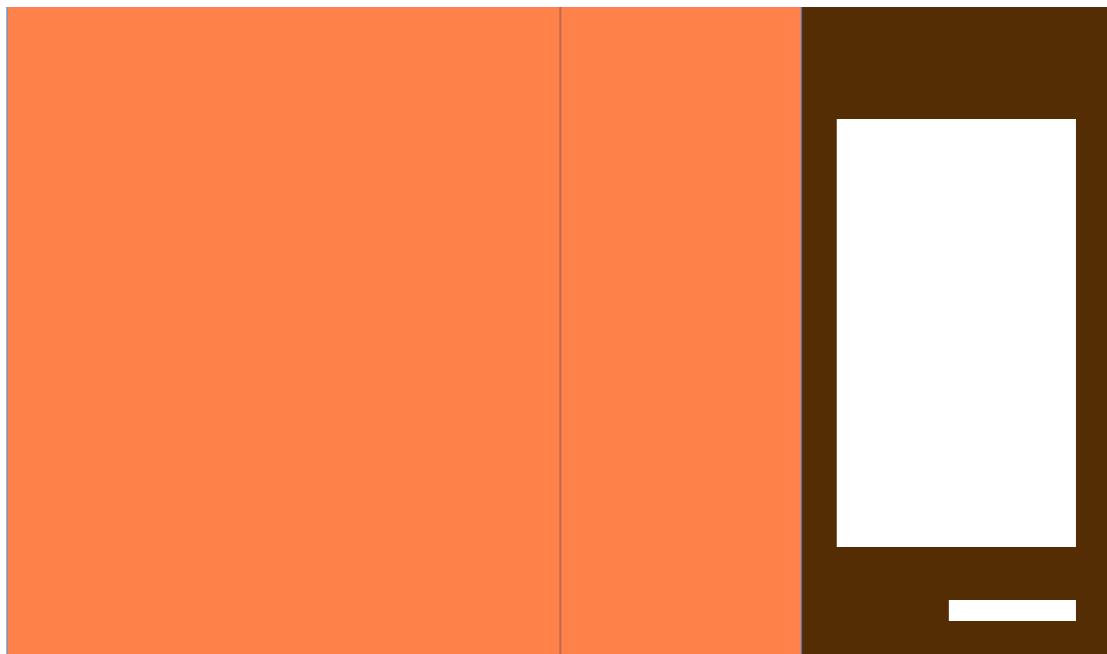
Figura 5– grid para a posição de uma imagem inteira.



Fonte: Produção do autor.

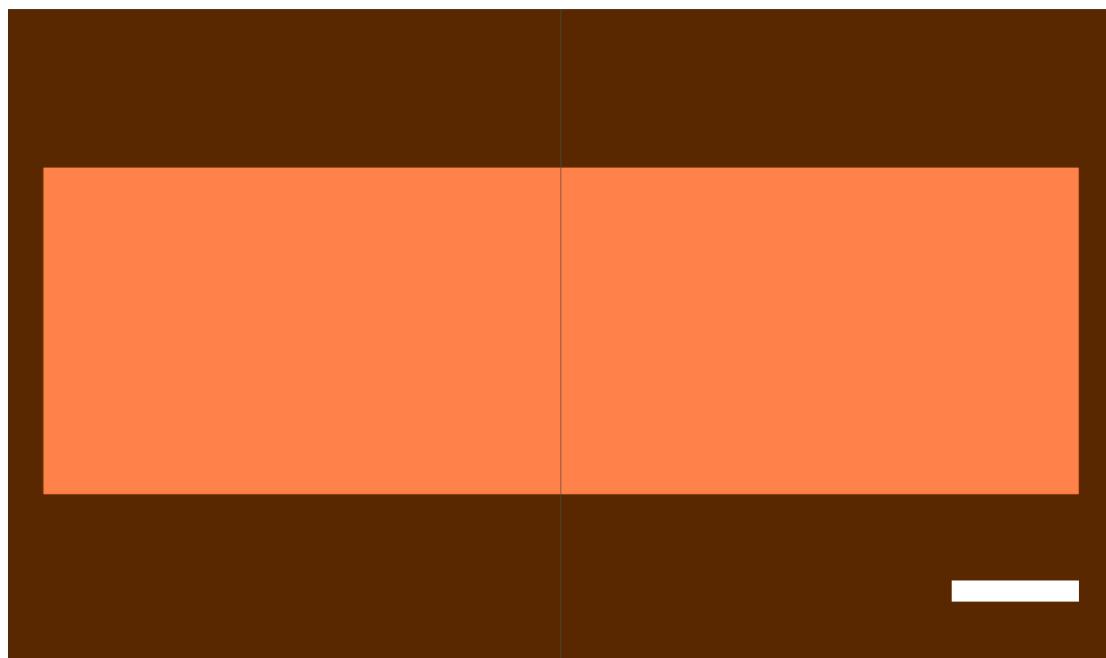


Figura 6 – grid para a posição de uma imagem e com texto e link da entrevista no lado direito.



Fonte: Produção do autor.

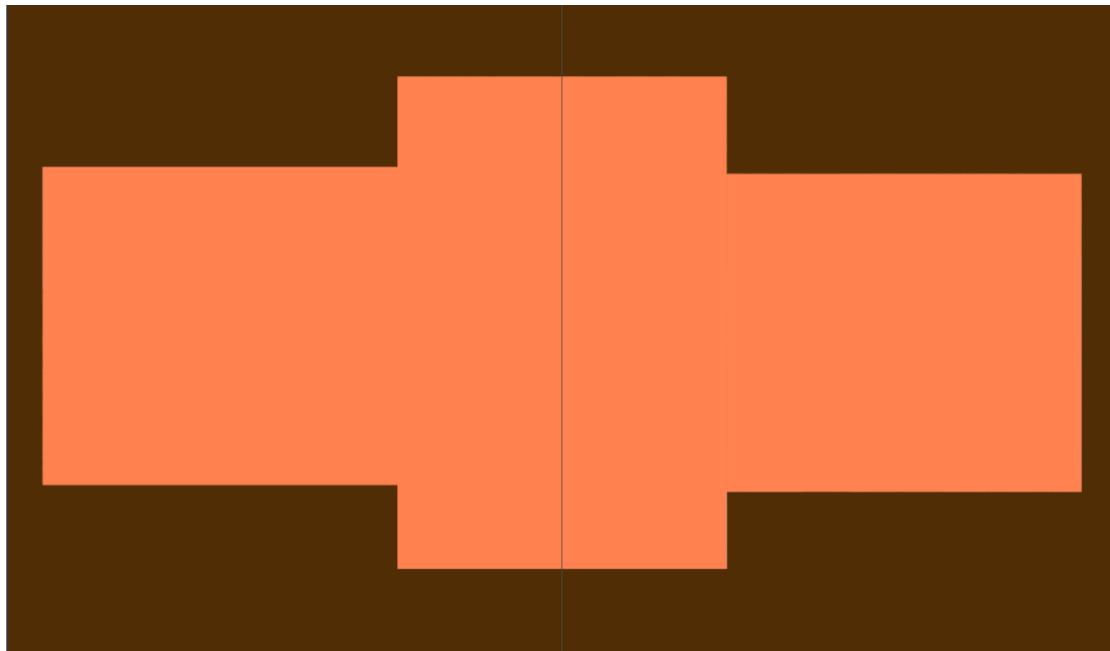
Figura 7 – grid para a posição de duas imagens com o link de acesso ao canto inferior direito.



Fonte: Produção do autor.



Figura 8 – grid para posição de três imagens.



Fonte: Produção do autor.

Após uma série de testes com tipografias que continham características próximas à natureza do projeto – população indígena e acesso à água. As tipografias selecionadas remetem à estética indígena, buscando estabelecer uma relação simbólica com a escrita e o grafismo indígena. A ‘*Tribal Roots*’, utilizada em títulos e subtítulos tem um peso visual maior, e a ‘*Simple Handmade*’, foi aplicada nos textos corridos, por conta de uma legibilidade melhor para maior quantidade de textos verbais (Figura 9 e 10).



Figura 9 – imagem da família tipografia *Tribal Roots*.

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ ABCDEFGHijklmnopqrstuvwxyz
1234567890.:;"(?)+-*/=

12 ABCDEFGHijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

18 ABCDEFGHijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

24 ABCDEFGHijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

36 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890

48 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890

60 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ. 1234567890

72 ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ.

Fonte: <https://www.fontspace.com/tribal-broots-font-f151966>.

Figura 10 – imagem da família tipografia *Simple Handmade*.

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
1234567890.:;"(?)+-*/=

12 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

18 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

24 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

36 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

48 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

60 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz 1234567890

72 abcdefghijklmnopqrstuvwxyz.

Fonte: <https://fontmeme.com/fontes/fonte-simple-handmade/>.

Na organização, foi realizada uma ordenação cronológica do acesso à água, com o intuito de apresentar o percurso que a água faz dentro da Reserva, desde o ponto em que pode ser encontrada até o uso mais básico. Essa escolha buscou proporcionar ao leitor uma experiência de imersão, que se desdobra e vai se adensando ao longo das páginas. Adotei uma estratégia de montagem baseada em sequências de momentos, registrando os diferentes meios e esforços que os moradores da comunidade utilizam para ter acesso à água (Figura 11). Assim, procurei organizar as imagens de forma a apresentar uma narrativa, uma história que



cria, não apenas a sensação de continuidade, mas também uma conexão mais evidente entre os personagens retratados e a história de acesso à água potável, que se constrói ao longo de todo o fotolivro.

Figura 11 – exemplo de sequência de imagens no fotolivro.



Fonte: produção do autor.

1.2 Dificuldades Encontradas

Producir um fotolivro hipermidiático que aborda um tema tão importante foi um percurso bastante desafiador. Captar as imagens, pensar a narrativa e montar um fotolivro hipermidiático com uma temática tão complexa, prevendo a leitura e a interpretação de quem acessa a partir, essencialmente, do repertório visual do receptor é um desafio complexo que demandou esforço na construção da narrativa visual. Embora eu já tivesse uma compreensão de como se constrói um ‘fotolivro hipermidiático’, foi necessário aprofundar os estudos para perceber de que maneira essas múltiplas formas poderiam ser conectadas.

Um dos maiores desafios, foi compreender como abordar um tema pouco explorado, reconhecendo a importância do cuidado e da sensibilidade em todas as etapas da produção. Quando esse tema foi sugerido, uma das minhas principais preocupações era como trabalhar com informações ainda muito superficiais, já que tudo o que se encontrava em notícias sobre o assunto era tratado de forma pouco aprofundada. De modo similar, também achei poucos



artigos/pesquisas que abordam a temática indígena, principalmente aqui no estado⁶. Ao perceber essa falta de conteúdo, comprehendi que seria essencial realizar um jornalismo cuidadoso e humanitário, capaz de transmitir todas as informações necessárias sobre o problema, sem abrir mão do respeito e da sensibilidade com os envolvidos.

O planejamento das visitas à Reserva também foi um desafio, pois eu precisava conciliar os dias disponíveis com meus compromissos profissionais. Equilibrar esses dois momentos exigiu bastante planejamento, para que a pesquisa pudesse avançar sem comprometer meus compromissos profissionais. Ainda, o contato com as moradoras e moradores da comunidade ocorreu graças à Jainne, que atuou como intermediária entre mim e os habitantes da Reserva. Essa mediação foi essencial para que eu pudesse ter acesso às pessoas, já que o ambiente era muito grande e eu não conhecia ninguém.

O contato com as autoridades responsáveis pelos setores de saúde indígena, foi mais complicado. Inicialmente, tentei estabelecer comunicação com a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) e com o Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI), mas encontrei grandes dificuldades por não encontrar meios de contato, como e-mail ou telefone. Observei ajuda de Eliseu Júnior, que trabalha no DSEI de Campo Grande como enfermeiro. Após uma conversa com quem falar, descobri que ele teria que receber permissão dos superiores. Com isso, também descobri que esses departamentos locais não possuem um setor de comunicação e que, para obter qualquer informação, seria necessário entrar em contato com a sede em Brasília. Como eu não encontrava nenhum canal oficial, Eliseu me forneceu dois endereços de e-mail do DSEI em Brasília. Enviei a mesma mensagem quatro vezes, mas não obtive qualquer retorno. O único órgão que me respondeu foi o Ministério Públco de Mato Grosso do Sul (MPMS).

Também tive dificuldade na seleção das imagens, porque me apeguei às fotos produzidas nas idas à Reserva, cada uma delas apresentava uma história que se tornou importante para mim. Um sentimento, uma particularidade, uma existência e isso tornou a escolha mais complicada. Foi preciso pensar, atentamente, sobre a narrativa e a relevância das imagens na criação do fotolivro hipermidiático. Aqui a orientação do professor Silvio foi de extrema importância. Em conjunto, conseguimos compreender melhor como organizar as páginas e construir uma narrativa visual e textual mais fluida e significativa para o trabalho. As conversas sobre a sequência das imagens e a forma como elas se relacionam entre si

⁶ Foram encontrados 12 artigos sobre a temática indígena, abrangendo tanto o nível nacional, quanto o estadual. Os critérios de seleção desses artigos incluíram história dos povos indígenas, visibilidade, saúde e população.



ajudaram bastante a dar sentido e ritmo ao fotolivro hipermidiático. Essa etapa foi essencial para deixar o projeto mais coeso e mais sensível. Neste momento, percebi, também, que o tema era mais complexo do que imaginei no início. Quando me aproximei do tema, acreditava que iria destacar apenas a falta de água e a ausência de apoio governamental, mas a realidade mostrou-se muito mais impactante e multifacetada. Ao realizar as visitas, descobri que o problema ia muito além da falta de ajuda externa. E cada história que ouvia era diferente.

Acredito que a maior dificuldade foi o tempo. Ao perceber a dimensão do problema, entendi que o planejamento seria insuficiente para expor as dificuldades cotidianas na Reserva. A distância e os custos para gasolina e hospedagem também se tornaram obstáculos.

1.3 Objetivos Alcançados

Como jornalista em formação e indígena, desenvolvi este Trabalho de Conclusão de Curso com o objetivo de dar mais visibilidade às pautas indígenas, com foco em crítica/denúncia social. Ao mesmo tempo, também trabalhei com uma perspectiva pessoal, pois queria mostrar às pessoas um recorte da realidade de um povo, que na maioria das vezes, é pouco lembrado ou invisibilizado.

O objetivo geral deste trabalho era “apresentar por meio de um fotolivro hipermidiático a realidade vivida com a falta de água pelos indígenas das aldeias Bororó e Jaguapiro, na Reserva Indígena de Dourados”. Este objetivo foi alcançado com êxito. A maioria dos objetivos específicos também foram alcançados, alguns com mais densidade e outros parcialmente atendidos, como o de “apurar a causa da falta de água potável e quais medidas estão sendo tomadas para solucionar o problema”. A apuração sobre a falta de água foi realizada com base nos relatos dos moradores, porém como mencionado no tópico sobre dificuldades encontradas, a ausência de resposta das autoridades dificultou alcançar esse objetivo, já que o único órgão que me respondeu foi o MPMS.

O objetivo de “registrar de forma respeitável, por meio de imagens fotográficas, o ponto de vista de um indígena sobre o problema de um outro indígena”, foi realizado com sucesso. Conversar com os moradores da comunidade não foi uma tarefa difícil, pois muitos se mostraram receptivos e dispostos a dialogar. A maioria demonstrou interesse em compartilhar suas experiências e dificuldades relacionadas à falta de água, revelando como essa situação afeta o cotidiano e a rotina de cada família. Embora nem todos tenham autorizado o registro de fotos ou gravações, mostraram-se abertos e confiaram em mim para



relatar suas vivências, me permitindo compreender de forma mais profunda a realidade enfrentada pela comunidade.

A narrativa do fotolivro hipermidiático atendeu também os outros objetivos específicos de “Evidenciar a falta de água nas aldeias por meio de acompanhamento e registro de imagem” e “Produzir imagens impactantes e humanizadas sobre a situação vivida”. O projeto evidenciou um recorte da realidade cotidiana dos moradores da reserva, por meio dos registros fotográficos.

O objetivo de “apurar as soluções que estão sendo debatidas e o que foi realizado até o momento”, foi alcançado parcialmente com base na resposta do MPMS, cujo relatório enviado apresenta detalhadamente o que foi feito até agora. Por fim, o objetivo de “criar um fotolivro hipermidiático sobre a realidade vivida com a falta de água pelos indígenas das aldeias Bororó e Jaguapiro na Reserva de Dourados”, também foi alcançado. O fotolivro segue o percurso da água dentro da Reserva, mostrando seu uso e os esforços da comunidade para acessá-la. As imagens e personagens foram organizados para que fizessem sentido dentro da narrativa e as entrevistas em vídeo também foram incluídas por meio de link.



2 - SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

Para o desenvolvimento prático deste trabalho, busquei fundamentação sobre a história dos povos indígenas no Brasil e, de forma mais específica, em MS; além de buscar sobre os direitos relacionados à água, tanto em um contexto internacional, quanto local. Por fim, explorei as aplicações do jornalismo, como foco no formato fotolivro hipermidiático e nas narrativas visuais.

2.1 - História dos Povos Indígenas no Brasil

O Brasil é terra indígena muito antes de se tornar Brasil, com a chegada e a ocupação dos Portugueses em 1500. Desde então, a partir de uma análise histórica, é notada uma crescente exclusão e violência contra esses povos. Historicamente viviam sem limites territoriais, exceto os definidos pelas fronteiras impostas por eles mesmos, por meio de caça, pesca e do necessário para a própria sobrevivência. “Sempre tiveram forte ligação com o território, de onde retiravam o seu sustento e estabeleciam seus rituais, deste modo, percebemos a importância do território para os indígenas”⁷ (Santana Junior, 2009, p.1). A chegada de Pedro Álvares Cabral à costa baiana trouxe grandes transformações para os povos originários. Os portugueses, ao encontrarem um povo com uma cultura própria, com modos de viver e de se organizar socialmente tão diferentes, estranharam e se organizaram para tornar a população originária mais parecida com a da Europa (Ribeiro, 2022). Impressionado com as diferenças, Pero Vaz de Caminha enviou ao, na época rei de Portugal, D. Manuel, suas impressões sobre os indígenas para justificar a intervenção sobre o povo da terra ‘descoberta’.

A feição deles é serem pardos, de maneira avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento [...] Acenderam-se tochas. Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs o olho no colar do Capitão, e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo

⁷ Alguns dos artigos utilizados na revisão teórica, em especial por conta da época em que foram publicados, fazem uso do termo “Índio”, considerado inadequado e mudado para indígena quando o tradicional Dia do Índio, comemorado todo 19 de abril, passa a ser chamado oficialmente de Dia dos Povos Indígenas pela Lei 14.402/22. Por isso, substituímos o termo “índio” por “indígena” em todas as citações diretas, considerando as mudanças propostas até aqui. Disponível em: [Nova lei denomina o 19 de abril como Dia dos Povos Indígenas, em substituição a Dia do Índio - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados/](https://www.camara.uol.com.br/noticias/2022/04/19/nova-lei-denomina-o-19-de-abril-como-dia-dos-povos-indigenas-em-substituicao-a-dia-do-indio-noticias-portal-da-camara-dos-deputados/) acessado em 01/07/2025.



acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata (Caminha *apud* Ribeiro, 2022, p. 7).

Em contraposição a esse olhar Europeu, Ailton Krenak (2019), ressalta que os povos indígenas não são remanescentes de um passado perdido, mas sim sujeitos ativos, que resistem e reconstroem suas identidades em meio à contínua exclusão social. Depois do período colonial, os povos indígenas foram esquecidos e pouca presença possuem na história do Brasil (Souza; Silva; Reis, 2018). Essa falta de representatividade ajudou a criar uma visão simplificada, incorreta e cheia de estereótipos sobre os indígenas, sempre acessados como povos selvagens e primitivos ou, às vezes, como heróis nacionais, refletindo “a ausência de um estudo sobre a diversidade étnica e a contemporaneidade dos povos indígenas no Brasil” (Menezes, 2014, p. 25).

Os livros didáticos geralmente apresentam o indígena de duas formas: ou como personagem secundário da colonização, ou como vítimas da imposição da cultura europeia. Além de ser uma visão superficial, isso acaba dividindo os povos indígenas em bons ou maus, dependendo do quanto ‘bárbara’ é considerada sua cultura (Thiel; Quirino, 2013, *apud* Amaral, 2017). Isso contribui, também, para os invisibilizar socialmente, devido a anos de estereotipação. Souza, Silva e Reis (2018, p.197), afirmam que “mesmo com certo avanço em políticas públicas que visam corrigir nossa dívida histórica com os indígenas, tal pensamento social ainda não foi desconstruído”. A maneira como um povo é retratado para a sociedade determina como ele será percebido. Se for retratado como um grupo civilizado, com uma cultura distinta e independente, será visto de maneira positiva, mas se for descrito como rude e selvagem, será julgado negativamente, e até o seu desaparecimento pode acabar sendo aceito, ou mesmo promovido (Holanda, 2024).

“Medidas governamentais como a Lei nº11.645/2008, responsável pela obrigatoriedade do estudo da história e da cultura indígena em todos os âmbitos dos currículos escolares, promovem maior valorização e reconhecimento de sua atual contribuição para o país” (Souza; Silva; Reis, 2018, p.188). Todos os que são reconhecidos como brasileiros têm seus direitos garantidos na Constituição Federativa no art.5º, porém na realidade, essa garantia nem sempre é plenamente cumprida (Ribeiro, 2022). A Constituição de 1988 abrange os interesses de todos os cidadãos da nação, independentemente dos grupos sociais. Entretanto, em certos temas, a Constituição aborda os povos indígenas de maneira mais enfática, reconhecendo sua relevância na formação da identidade nacional (Ribeiro, 2022). Essa preocupação com a



proteção dos direitos dos indígenas, embora mais consolidada atualmente, já havia motivado ações do Estado brasileiro.

Com o objetivo de prestar proteção ao nativo brasileiro e amparar seu direito de vida, liberdade e propriedade, e com a principal função de protegê-lo do extermínio, foi criado, em 1910, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Mas o que aconteceu foi o oposto, principalmente durante a ditadura militar. A mídia teve um papel importante na criação de estereótipos sobre os povos indígenas entre os brasileiros, além de ter favorecido a atuação dos agentes do SPI ao disseminar medo e desconfiança contra eles na população (Holanda, 2024). Com a construção e a consolidação desses estereótipos, tornou-se comum encontrar pessoas que ainda imaginam os indígenas como seres primitivos, que vivem nus, habitam ocas e praticam canibalismo (Holanda, 2024).

É de suma importância estudar e procurar compreender o processo de desumanização dos povos originários brasileiros pois seus efeitos podem ser sentidos até nos tempos contemporâneos, na forma de discriminação, preconceitos e estereótipos retrógrados e que mancham a cultura desses povos. É de extrema importância revisar a imagem que o povo brasileiro tem das populações indígenas e o Estado tem papel fundamental de mudar a forma que o povo nativo brasileiro é representado tanto institucionalmente quanto também na mídia (Holanda, 2024, p 52).

Historicamente os povos indígenas sempre foram alvos de marginalização, invisibilidade e da demonização de sua cultura, o que contribuiu para a consolidação de um imaginário social que os associa à barbárie, justificando políticas de assimilação forçada e apagamento cultural, bem como a persistência de estereótipos que ainda limitam sua plena cidadania.

2.2 - Povos Indígenas no Mato Grosso do Sul e na Reserva Indígena de Dourados

Eremites (2012), afirma que, até o final da década de 1980, a história dos povos indígenas na região Centro-Oeste do Brasil não despertou a atenção dos historiadores. Na década de 1990, porém, houve uma mudança nesse cenário.

[...]a história indígena produzida em Mato Grosso do Sul está mais centrada na história do tempo presente, diferentemente do que se verifica em outros estados brasileiros, onde muitos estudos são centrados em temporalidades mais antigas, geralmente marcadas por ações do Estado Nacional e das frentes de expansão. (Eremites, 2012, p.200).



De acordo com a perspectiva dominante da sociedade da época, a Constituição de 1896 trazia uma declaração de que as terras ocupadas pelos indígenas eram consideradas sem dono (Cunha, 1992). Guillen (2021, p.110), afirma que “em Mato Grosso, as terras indígenas no sul ficaram sob o poder da Companhia Matte Larangeira, sem reconhecimento legal, sendo consideradas terras devolutas de que o Estado podia dispor”. O autor indica, que após o conflito bélico entre Brasil e Paraguai, houve uma maior exploração e controle dessa faixa fronteiriça, em especial, onde o território era tradicionalmente ocupado pelos indígenas Guarani Kaiowá e Guarani Ñandéva. As terras, então, foram entregues à empresa Companhia Matte Larangeira.

O intuito era explorar os extensos ervais aí presentes. Durante o período que vai até a segunda década do século XX, os indígenas da região foram sistematicamente engajados como trabalhadores braçais pela companhia. Contudo, não sendo proprietária das terras, mas apenas concessionária, a empresa não produziu a expropriação territorial dos Kaiowa e dos Ñandéva, algo que veio a se concretizar apenas nas décadas seguintes. Com efeito, a perda do monopólio sobre esses espaços, nos anos 1920, deu vida a uma progressiva ocupação do então estado de Mato Grosso por frentes migratórias, procedentes primeiro do sul do Brasil e posteriormente dos estados de São Paulo e Minas Gerais, que vieram a formar fazendas, fundamentalmente de gado (Mura; Silva; Almeida, 2020 p.353-354).

Atualmente, os povos indígenas de MS tiveram boa parte de suas terras tomadas, o que também afetou sua cultura, e hoje vivem restritos a determinadas áreas (Santana Junior, 2009). “Não podemos pensar no território dissociado do espaço, pois sem este não haveria território, a dimensão chave do território é, antes de qualquer coisa, a espacialidade das relações de poder” (Haesbaert, 2009, p.5).

A Reserva Indígena de Dourados (RID) foi reconhecida em 1917, para o grupo local formado pelos Guarani Kaiowá, com uma população, na época, de 550 indivíduos (Guillen, 2021). Ela foi constituída por meio do decreto nº 401/1917, com uma área de 3.539 hectares. O SPI tinha o objetivo de fazer com que os indígenas fossem aldeados para que se tornassem produtivos e com isso ingressarem no processo civilizatório. Alcântara (2007, p.2), comenta que “nas mãos do Estado brasileiro e de seu projeto positivista de progresso, o caminho era de assimilação para civilização via processo ‘aculturativo’, assim, necessitam fazer uma ‘integração’ que contribuísse com a mão-de-obra para o progresso da região”.

Nos períodos de 1915 a 1928, o SPI ‘reservou’ oito áreas de terras para poderem ser demarcadas como indígenas, no então estado de Mato Grosso, sendo elas Bonifácio



(1924, em Caarapó); Sassaró ou Ramada (1928, em Tacuru); Limão Verde (1928, em Amambaí); Takaperi (1928, em Coronel Sapucaia); Pirajuy (1928, em Paranhos) e Porto Lindo (1928, em Japorã). Todas essas áreas totalizariam 18.297 hectares de terras (Troquez, 2006, p. 32).

Em 1915, o SPI passa a trabalhar junto aos Guaranis da região da atual Grande Dourados, no momento da primeira redução da área da Companhia Matte Larangeira, possibilitando a venda de áreas a terceiros. Os indígenas da região de Amambaí foram os primeiros a ganharem terras, na chamada Reserva Benjamin Constant (Santana Junior, 2009). Dourados foi a segunda dessas oito reservas, no então distrito homônimo do município de Ponta Porã. As escolhas do SPI não utilizavam nenhum critério relacionados à organização social e territorial dos povos indígenas para criar e delimitar as reservas, e Dourados não foi exceção.

A RID, portanto, carece de fontes importantes de água, sendo um local que os próprios indígenas não escolheriam para viver e sustentar suas famílias (Mura; Silva; Almeida). Bittencourt e Ladeira (2000), apontam que a reserva possui atualmente uma composição étnica formada pelos Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá, além dos Terenas. Os Terenas foram levados pelo SPI com a intenção de transmitir conhecimentos agrícolas aos Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá, já que os Terenas são historicamente reconhecidos como um povo com grande habilidade na agricultura (Santana Junior, 2009). Ao transferir os Terenas, o SPI buscava também ‘educar’ os Guarani Ñandeva e Guarani Kaiowá, incentivando-os a adotar um modo de vida considerado ‘mais civilizado’ (Thomaz de Almeida; Mura, 2003). Os Terenas eram vistos como um povo mais disposto à ‘obediência’, além de possuírem maior habilidade agrícola, usando isso para justificar a intervenção sobre essas comunidades.

Estigarribia (1926), comenta que o solo em Dourados é bastante fértil, então seria adequado manter as moradias indígenas espalhadas, considerando cada uma como uma pequena propriedade rural, com lote sendo delimitado pela própria Inspetoria. Mura, Silva e Almeida (2020), afirmam que, ao introduzir práticas agrícolas, o SPI tinha como objetivo transformar os indígenas em ‘trabalhadores nacionais’ e, assim, ‘integrá-los’ e ‘assimilá-los’ à sociedade brasileira. A população da reserva passou a crescer consideravelmente a partir da década de 1960, com a chegada de algumas famílias Terenas, além de parentes dos Guarani Kaiowá e de um grupo menor de Guarani Ñandéva, que foram forçados a deixar suas terras de origem, especialmente nas regiões da bacia dos rios Brilhante e Ivinhema, bem como de uma área situada a oeste da reserva, atualmente chamada por eles de Lima Campo (Silva, 2007).

Tais expulsões foram devidas principalmente aos efeitos da implementação de uma



política de Estado desenvolvida a partir de meados dos anos 1960, direcionada a mecanizar a agricultura e promover o que passou a ser conhecido como o “milagre brasileiro”. Tal política levou a um intenso desmatamento, com vistas à produção extensiva da soja, tendo como consequência a expulsão das famílias que então estavam nos “fundos de fazenda” (Thomaz de Almeida, 2001).

Dessa forma, o desmatamento e as expulsões ocorridas em 1970 levaram essas comunidades a migrarem para a RID, o que praticamente duplicou o número de habitantes que já viviam no local (Mura; Silva; Almeida, 2020). Em 2025, a Reserva se assemelha mais a um bairro periférico do que a um verdadeiro território de vivência indígena. Grande parte de suas terras foi arrendada a fazendeiros da região e é utilizada para cultivo de soja (Aragão e Bergamin, 2020). De acordo com Alcântara (2007, p.3), “o saneamento básico e a iluminação estão centradas na estrada principal e as condições de pobreza são grandes, com falta de recursos, a falta de acesso a documentação os torna invisíveis à margem de todos os direitos sociais”.

No início dos anos 2000, o Ministério Público Federal (MPF), em Dourados, recebeu diversas denúncias de violência e de outras formas de opressão, feitas pelos próprios moradores da Reserva. Eles também relataram a ausência de apoio por parte da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Além do preocupante aumento nas mortes de crianças por desnutrição, que levou o Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) a criar um ‘Comitê Gestor’ interministerial, com o objetivo de enfrentar a gravidade da situação (Mura; Silva; Almeida, 2020). A falta de assistência à saúde ficou evidente durante a pandemia de Covid-19.

A situação social dos povos indígenas escancara a profunda desigualdade existente entre eles e o restante da sociedade. A ausência de acesso às políticas públicas, que deveriam garantir direitos essenciais, acaba gerando um afastamento entre esses povos e o restante da população (Ribeiro, 2022). Para Santana Junior (2009), a reserva encontra-se em um ‘confinamento’, onde a escassez de recursos naturais afeta grande parte da população presente. A população indígena tem reconstruído seus referenciais de vida para buscar a sobrevivência, abandonando os traços culturais elementares, uma vez que já que não consegue mais sobreviver da caça, da coleta, da pesca e da agricultura. A perda territorial não significou apenas a retirada física dos indígenas de suas terras, mas também impactou diretamente suas formas tradicionais de organização social. A vida nas reservas, marcada por confinamento e ausência de recursos, forçou a adoção de modos de vida urbanos precários, muitas vezes alheios à cosmovisão indígena.



Dessa forma, a trajetória dos povos indígenas de MS é marcada por explorações econômicas e confinamento, e também pela urgência de uma reparação efetiva. É necessário garantir a restituição territorial, a valorização das culturas originárias e o fortalecimento de políticas públicas que respeitem os direitos dos povos indígenas em sua totalidade.

2.3 - Direitos sobre a água no mundo e no Brasil

A água doce do planeta é distribuída de forma aleatória por todo o mundo, dependendo essencialmente dos ecossistemas que compõem o território de cada país (Fernandes, 2023).

Segundo o Programa Hidrológico Internacional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), na América do Sul encontram-se 26% do total de água doce disponível no planeta e apenas 6% da população mundial, enquanto o continente asiático possui 36% do total de água e abriga 60% da população mundial. Por outro lado, verifica-se que a utilização da água doce no mundo é repartida em 70% para agricultura, 22% para indústria e 8% para uso doméstico (Fernandes, 2023, p.7).

A partir da década de 1970, os debates internacionais passaram a ser mais focados no ambiente, na preservação dos recursos e na qualidade de vida. A água, como um direito fundamental, também se tornou centro do debate (Zancul, 2015). A Conferência Internacional sobre Água e Meio Ambiente, organizada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em janeiro de 1992, na cidade de Dublin na Irlanda, tratou pela primeira vez da necessidade de que cada país exercesse uma ‘gestão de recursos hídricos’ mais eficiente, partindo do princípio de que “a escassez e o mau uso da água doce são fatores de grande e crescente risco ao desenvolvimento sustentável e à proteção do meio ambiente” (ONU, 1992a).

O resultado dessa conferência foi a chamada Declaração de Dublin, documento que estabeleceu quatro princípios básicos que reconhecem: I) que a água doce é um bem finito e essencial para a continuidade da espécie humana; II) a necessidade de uma abordagem participativa para gerenciamento da água, envolvendo a participação cidadã e dos Estados em todos os seus níveis legislativos; III) o papel preponderante da mulher na provisão, gerenciamento e proteção da água; IV) o reconhecimento da água como bem econômico (Aith e Rothbarth, 2015, p. 164).

Dessa forma, a ONU reconheceu oficialmente a água como um direito humano em julho de 2010, por meio da Resolução A/RES/64/292⁸, que estabelece a água potável ao saneamento básico como um ‘direito humano’ (Aith e Rothbarth, 2015). Em 2015, a ONU

⁸Disponível em: [Reconhecimento internacional do saneamento básico como um direito fundamental | Jusbrasil/](http://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/100000000/reconhecimento-internacional-do-saneamento-basico-como-um-direito-fundamental-jusbrasil) acesso em 13/05/2025.



incorporou entre os dezessete ‘Objetivos de Desenvolvimento Sustentável’ a meta de garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água, assim como o acesso ao saneamento para toda a população até o ano de 2030 (Pinto e Ribas, 2022). Mesmo assim, em 2018, Marco Lob (Fernandes, 2023, p.16), diretor do Comitê Italiano para o Contrato Mundial da Água, declarou que esse direito ainda não se tornou realidade em nenhum país do mundo, ressaltando que a água é tratada como uma necessidade, e não como um direito, sendo obrigatório o pagamento por seu uso (Fernandes, 2023). A Comissão Europeia trata a água como mercadoria, e o acesso humano é visto apenas como uma necessidade, com custo a ser pago. Lob destaca que só a Eslovênia reconhece esse direito em lei, mas não o cumpre. A água foi amplamente privatizada na Europa após a crise financeira de 2008, prejudicando os mais pobres e mesmo com mobilizações, como a consulta popular na Itália em 2011, os governos ignoraram a vontade popular. Para Lob, leis nacionais não garantem direitos, pois tratados comerciais prevalecem, defendendo uma luta internacional pelo acesso à água como direito humano (Oliveira, 2018).

Aith e Rothbarth (2015, p. 165) explicam que, “no Brasil, a proteção jurídica das águas tem suas bases estabelecidas pela Constituição Federal de 1988 (CF 88)”. Em julho de 2020 a Lei nº 14.026/2020, chamada de ‘Novo Marco Legal do Saneamento’, estabeleceu como meta até 2033, garantir que 99% da população brasileira tenha acesso à água potável e 90% acesso a tratamento de esgoto (Pinto e Ribas, 2022). No Brasil, o saneamento básico é regulamentado pela Lei nº 11.445/2007, que define as diretrizes nacionais para o setor, e pela Lei nº 14.026/2020, que atualiza o marco legal do saneamento no país (Bilck e Morato, 2024). Segundo o diagnóstico do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) de 2019, o Brasil apresentava uma média nacional de 83,7% de cobertura da rede de abastecimento de água, com destaque para as regiões Sul, Centro-Oeste e Sudeste, que registraram índices médios de 90,5%, 89,7% e 91,1%, respectivamente. Já nas regiões Norte e Nordeste, os índices são menores, ficando em 57,5% e 73,9% respectivamente (Pinto e Ribas, 2022).

A esperança de avanços no setor para que o direito à água potável se torne efetivo e garanta um futuro, aliada a conservação dos recursos naturais, é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, sustentável e igualitária, (Pinto e Ribas, 2022). Entretanto Fernandes (2023, p.29) comenta que “fatos materializados no atual ambiente social, frutos de todos esses anos, demonstram essa preocupação, levando aquelas pessoas em



melhor posição no ambiente social a perceber sua importância e seu valor como meio de poder de barganha, mas também como poder econômico”.

2.4 - Direitos sobre a água em MS e na Reserva Indígena de Dourados

Em 2017, dos 79 municípios de Mato Grosso do Sul, apenas 30 contavam com um plano municipal de saneamento básico. Segundo dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) (Sanesul, 2021), o estado possui uma população de aproximadamente 2,8 milhões de pessoas, sendo que cerca de 2,4 milhões vivem em áreas urbanas. Atualmente, há 172 prestadores responsáveis pelos serviços de saneamento em todo o estado (Bilck e Morato, 2024). Já a população residente na zona rural do estado totalizava aproximadamente 287 mil habitantes, o que equivale a 10,8% da população de MS (Ilis, 2022).

As populações rurais, devido a condicionantes específicos, tais como a dispersão geográfica; isolamento político e geográfico das localidades e seu distanciamento das sedes municipais; localização em área de difícil acesso, seja por via terrestre ou fluvial; limitação financeira ou de pessoal, por parte dos municípios, o que dificulta a execução dos serviços voltados para o saneamento; ausência de estratégias que incentivem a participação social e o empoderamento dessas populações; e a inexistência ou insuficiência de políticas públicas de saneamento rural, nas esferas municipais, estaduais ou federal. (Brasil, 2019a *apud* Bilck e Morato, 2024, p.80)

O acesso ao saneamento básico adequado é um direito garantido por lei e essencial para a promoção da saúde pública e de qualidade de vida. No estado, conforme apontam Bilck e Morato (2024), ainda há regiões que não possuem acesso à rede de esgotamento sanitário, o que leva a utilização de fossas rudimentares ou, em casos mais graves, ao despejo diretamente em valas e córregos abertos.

Na Reserva Indígena de Dourados a falta de acesso à água ainda está muito presente. Segundo Ricalde e Thalyta (2025), essas comunidades enfrentam uma crise hídrica aguda, que já dura décadas, sendo agravada pela precariedade da rede de abastecimento existente. Com mais de 25 anos de uso, ela é incapaz de atender as mais de 20 mil pessoas que ali vivem. As autoras evidenciam o cotidiano marcado pela escassez, onde famílias precisam recorrer a córregos para garantir o mínimo de higiene pessoal. Isso revela o abandono estrutural e a urgência por soluções concretas e duradouras, que vão além de medidas



paliativas, como o envio de caminhões pipa, que são utilizados com frequência (Ricalde e Thalyta, 2025).

Segundo Pael (2025), até o momento da escrita desse projeto, há alguns avanços pontuais no enfrentamento do problema, ainda que insuficientes frente à urgência vivida pelas comunidades. Após os protestos e confrontos com a polícia em novembro de 2024, o Ministério dos Povos Indígenas prometeu R\$ 2 milhões para a construção de dois poços e firmou parcerias com a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e a Secretaria da Estado de Cidadania (SEC).

2.5 - Fotolivro

No século XX, a imagem deixou de ser apenas arte e se transformou em informação e conhecimento, expandindo-se por uma série de meios, entre eles os jornais e a televisão. A fotografia tornou-se uma possibilidade diária e extremamente comum para nós, devido aos aparelhos tecnológicos usados diariamente, como celulares e computadores.

Embora a maior parte dessa produção tenha um caráter mais banal, há também um movimento em prol do potencial crítico e discursivo da imagem fotográfica, especialmente entre fotógrafos, artistas e outros produtores visuais. Em particular, a preocupação em construir sequências narrativas geradoras de sentido é algo cada vez mais presente, proposta esta que vem se materializando sob a forma dos assim chamados “fotolivros”. (Mazzilli, 2018, p.1)

No Fotolivro, os textos podem acompanhar as imagens, aparecendo como legendas, títulos ou parágrafos. Eles ajudam a narrar a história de forma mais clara e direta, dependendo das seleções realizadas. No caso da fotografia artística e autoral, o livro tem se tornado um dos artefatos mais usados para finalizar e apresentar um projeto fotográfico (Feldhues, 2019).

O fotolivro – um tipo particular de livro fotográfico, em que as imagens predominam sobre o texto e em que o trabalho conjunto do fotógrafo, do editor e do designer gráfico contribui para a construção de uma narrativa visual – vem recebendo uma atenção inaudita, seja com o lançamento de histórias e antologias, seja com o florescente mercado de colecionadores (Badger, 2015, *on-line*)

Badger (2015) dá uma definição mais sucinta do que se entende por ‘fotolivro’: “um tipo particular de livro fotográfico, em que as imagens predominam sobre o texto e em que o trabalho conjunto do fotógrafo, do editor e do designer gráfico contribui para a construção de



uma narrativa visual”. Assim, como acontece nas histórias em quadrinhos, as imagens nos fotolivros são organizadas e distribuídas pelas páginas, com o objetivo de contar uma história por meio de uma sequência visual (Magni, 2016). O texto e a imagem podem interagir de forma livre, sem que um esteja subordinado ao outro, eles podem se complementar ou se confrontar, criando múltiplas camadas de significados. Assim o potencial expressivo do fotolivro não está apenas nas imagens, mas também na relação entre texto e imagem, que contribui para a construção da narrativa e da experiência do leitor (Forléo, 2023).

O fotolivro, portanto, não depende apenas das imagens que o compõem, mas sim de um conjunto de escolhas que envolvem todo o processo de sua produção. Ele é resultado da harmonia entre forma e conteúdo, em que cada decisão técnica e artística influênciam na forma como a narrativa é percebida (Cole, 2020). Muito além de apenas reunir fotos, seu valor também está na relação entre as imagens, onde o significado do conjunto é mais importante que cada foto isolada. Assim é possível criar uma narrativa visual capaz de transmitir ideias e emoções que não apareceram em imagens isoladas (Forléo, 2023).

Ao contrário de catálogos, álbuns e portfólios fotográficos, os fotolivros são pensados para construir uma sequência visual, que valorize as conexões e significados entre as imagens, explorando o máximo as possibilidades que o formato físico do ‘livro’ pode proporcionar (Mazzilli, 2018). A concepção de que existe uma narrativa nas fotografias dentro do fotolivro sugere que há uma história, uma sequência imagética.

Mas por que o fotolivro passou a ser tão prestigiado nos últimos anos, se esse tipo de produto existe quase desde o nascimento da própria fotografia? Bager (2015), comenta que “uma das razões para tanto está na natureza da própria fotografia, sua história é marcada pela luta para ser reconhecida como arte, pelo empenho para ser entendida como algo tão complexo e acabado como a pintura”. O termo fotolivro, contudo, tem sido amplamente utilizado para designar uma variedade de publicações produzidas em diferentes contextos políticos, sociais e estéticos, e muitas vezes, de maneira equivocada, abrangendo publicações produzidas em diferentes contextos. Segundo Shannon (2010), o fotolivro deve ser compreendido como uma obra de caráter artístico e autoral, construída para expressar uma narrativa visual.

Henge (2019), junto com Nascimento Junior e Figueiredo Junior (2024), explicam que se comunicar através de formas visuais está se tornando cada vez mais comum e popular. Assim, o propósito do fotolivro em apresentar uma história, o caracteriza de maneira única no campo da fotografia, pois detém uma finalidade própria, onde as imagens interligadas entre si



partilham uma visão, uma experiência, um conto, um acontecimento observado e registrado através das lentes.

2.5.1 - Fotolivro Digital

Antes de entrar no assunto sobre o digital é importante destacar a importância da diferença entre as produções e produtos impressos e digitais. Silva, Madureira e Tavares (2012), explicam que um livro impresso envolve processos como impressão e encadernação para criar um objeto físico, enquanto em um livro digital não são necessárias essas estampas, sendo feita apenas para leitura em telas. Outra diferença, é que o impresso utiliza sistema de cores CMYK (Ciano, Magenta, Amarelo e Preto), baseado em cores subtrativas, que se combinam para formar uma ampla gama de tonalidades e os dispositivos eletrônicos, como telas de celulares e computadores, usam o sistema RGB (Vermelho, Verde e Azul), composto por cores aditivas, mas adequado para telas (Silva; Madureira; Tavares, 2012)

Neste contexto, Magni (2016) destaca que o fotolivro digital surge como uma forma contemporânea de apresentar livros e registrar memórias fotográficas, permitindo combinar imagens de diferentes maneiras por meio de plataformas digitais.

Hoje assistimos ao crescimento dinâmico dos meios digitais, onde, partindo do objeto livro, surgem novos conceitos, novas funções e novas práticas de leitura, que, por sua vez, dão origem a um novo e ainda recente processo de trabalho, baseado na preparação de conteúdos para formatos digitais. (Silva; Madureira; Tavares, 2012, p. 483)

A importância da comunicação visual, com os avanços tecnológicos, transformou profundamente, tanto a criação, quanto o controle das imagens. No contexto da fotografia digital, essas inovações permitiram maior precisão, organização e legibilidade na produção visual. Elas ampliaram os modos de produzir e compartilhar fotografias. “Com a ampla disponibilidade dos dispositivos móveis, o número de ferramentas expande-se ainda mais ao proporcionar aos usuários, sejam eles leigos ou experts, a liberdade de incorporar estilos analógicos, artesanais, ao suporte digital” (Henrique; Margadona; Gadotti, 2017,p. 199). O acesso global à informação criou um mercado de tendências que influenciam a compra e a venda de produtos e, no caso do livro, trouxe novas formas de ler e contar histórias por meio de objetos com formatos e usos diferentes (Silva; Madureira; Tavares, 2012).

Rampazzo (2025), afirma que à medida que avançamos no século XXI, a presença do digital evidencia um design inter-relacional, ou seja, um design baseado na interação e na



conexão entre diferentes elementos visuais e contextuais. Assim os fotolivros contemporâneos passaram a integrar uma amplitude gráfica, explorando formas, imagens e narrativas que dialogam entre si e com o espectador, ampliando as possibilidades estéticas e comunicativas da mídia digital.

2.5.2 - Projeto Gráfico

No desenvolvimento de um fotolivro, Bombonati e Bracchi (2016) definem que o design gráfico desempenha um papel fundamental, pois o fotolivro não se limita a apenas apresentar imagens, também deve se preocupar em organizar e conectar os elementos visuais, dando sentido à narrativa. As escolhas de design em um fotolivro, como tamanho, posição e sequência das imagens e textos, influenciam diretamente na narrativa e na experiência do leitor. O design, portanto, define ritmo, equilíbrio, contraste e também pode ajudar a transmitir, e/ou valorizar, emoções e sensações. Ou seja, o designer não apenas organiza o livro, mas também ajuda a construir a história e a maneira como o leitor percebe e se conecta com a obra (Rampazzo, 2024).

A semiótica, ainda, desempenha outro papel importante na produção de fotolivros, pois orienta tanto na criação da fotografia como do design, assim como na organização e comunicação das ideias presentes no fotolivro. Nesse contexto, fotografia e design devem atuar de maneira integrada, formando uma unidade que potencializa a narrativa visual (Bombonati e Bracchi, 2016).

As narrativas visuais atuam como elementos herdados das narrativas tradicionais (orais e literárias), com o fluxo narrativo sendo essencial para construir um discurso visual claro e eficaz. “Diante de qualquer narrativa, é necessário que se estabeleça uma conexão entre o emissor e o decodificador, através de uma série de regras que estão implícitas à forma do discurso” (Magni, 2016, p.3). Quando o texto e a imagem ficam mais próximos visualmente, surgem novas formas de combinações entre eles. Essa fusão, se torna mais intensa quando a palavra deixa de ser apenas algo escrito e passa a fazer parte da própria imagem, nesse caso o texto assume também uma função visual, contribuindo para o significado da imagem (Bracchi, 2025).

Cada uma dessas combinações modula a relação de aderência entre texto e imagem. As linguagens verbal e visual cooperam para a construção de sentido e se transformam em oportunidades para a perspectiva semiótica pensar sobre articulações multilinguagens, dadas para além do âmbito dos fotolivros (Bracchi, 2025, p.489)



Já na diagramação, é essencial pensar além da simples organização das páginas, sendo parte fundamental a construção de sentido e a experiência visual da obra. Ela atua de forma criativa e intuitiva, para criar uma narrativa única. Esse processo exige habilidade técnica e sensibilidade artística, conferindo a cada fotolivro sua identidade e experiência estética própria (Rampazzo, 2024). De acordo com Bracchi (2025), há duas formas de organizar fotografias, por meio da ‘grade (grid)’ e do que ele chama de ‘série’. A grade é um layout que apresenta as imagens de maneira uniforme e sem hierarquia, o que pode transmitir a aparência de objetividade e neutralidade. Já a série propõe uma narrativa, em que as imagens se relacionam entre si de diferentes modos, criando associações, rimas visuais e diálogos estéticos que ampliam os significados. Sendo assim o ‘grid’ privilegia a igualdade e a observação analítica, e a ‘série’ favorece a construção de sentido e convida o leitor a interpretar a obra de forma mais objetiva e poética.

2.5.3 - Fotografia documental

Segundo Mazzilli (2020), no século XIX a fotografia tornou-se um instrumento científico e documental, usada para registrar guerras, movimentos, expedições e estudos antropológicos ou criminais, consolidando-se com foco em objetividade e autenticidade. No entanto, essa concepção não é tão simples, e o estabelecimento do gênero documentário é um processo do século XX, construído por meio do uso discursivo da fotografia e influenciado pelos meios de comunicação (Mazzilli, 2020). Embora o termo ‘Fotografia Documental’ só tenha começado a ser utilizado a partir dos anos de 1930, um dos primeiros exemplos desse tipo de fotografia é a série de imagens produzidas por Eadweard Muybridge, que em 1887 registrou, em sequência o galope de um cavalo (Oliveira, 2013).

O livro *How the other half lives* de 1980, de Jacob Riis, é considerado o primeiro fotodocumentário. Nele foram reunidas fotografias que destacam as condições de vida da pobreza nova-iorquina, mostrando ao público uma *Nova York* que quase sempre passava despercebida. “O projeto de Riis cumpria, pois, o requisito básico desse primeiro momento do documentário fotográfico na medida em que referenciava a realidade de modo a dá-la em testemunho” (Santos, 2012, p.2). Ainda, o fotodocumentarismo durante a segunda metade do século XX passou por expressivas alterações, quando trabalhos como *Les Américains* (1958),



de Robert Frank, e *New York* (1956), de William Klein, abriram as portas para novos paradigmas (Lombardi, 2008, p.37).

Oliveira (2013,p.66), explica que nos anos 1930 “ a Fotografia Documental vivia a sua Idade de Ouro, quando surgiram revistas ilustradas como a Life, a Vu etc, as câmeras de pequeno formato e quando a Kodak começava a desenvolver novos filmes”. Naquela época as mídias impressas não vendiam apenas informações escritas, e a fotografia passou a ser considerada uma ótima arma na transmissão da informação. De acordo com Lombardi (2008), a fotografia documental permite narrar histórias por meio de uma sequência de imagens, estruturando a informação de forma visual e sequencial. O fotodocumentarismo, pode então trazer diferentes modos de representação. Ele pode ter uma natureza mais participativa, usada para defender os ideais civis, atuar como forma de denúncia, construir discursos políticos e evidenciar os conflitos presentes na sociedade. Além disso, pode também ser utilizado para retratar o cotidiano. Muitas vezes, no entanto, os fotodocumentaristas estão motivados simplesmente pela busca de novas maneiras de observar e representar o mundo (Lombardi, 2008).

2.5.4 - Jornalismo Hipermidiático

Baccin (2017, p.92) define o conceito de hipermidiático como uma “forma expressiva e de linguagem de mídia própria”. Diferente da linguagem presente em outras formas de comunicação, como a televisão, o cinema, o rádio, a imprensa e até mesmo a fotografia, ela possui uma forma própria, que reúne diversos formatos. Essa linguagem integra formatos midiáticos e expressivos, organizando e transformando todos eles. Diante desse contexto, o hipermidiático se insere como uma resposta às transformações promovidas pelo digital e pelos novos modos de interação.

A tecnologia digital, em geral, e a rede digital, que chamamos de internet, em particular, mediante o uso, por exemplo, da telefonia móvel e os tablets eletrônicos, assim como a grande quantidade de programas (apps) e de formas de comunicação e informação digitais, como são as redes sociais ou os blogs, têm alterado as possibilidades de interação de milhares de pessoas a nível político, econômico, cultural, industrial e, sobretudo, no nível da vida diária (Capurro, 2013, p.8).

No início do jornalismo hipermidiático, há mais de duas décadas, a prática era basicamente igual à do impresso, com textos e fotos seguindo os mesmos padrões do jornal tradicional, apenas reproduzindo conteúdos já publicados em outros veículos de comunicação



(Baccin, 2017). Com o tempo, no entanto, as organizações midiáticas começaram a notar que as possibilidades oferecidas pelo ambiente digital permitem explorar novas formas de contar histórias. Esse novo modo de narrar, característico do jornalismo hipermidiático, vai da apuração das pautas até a construção das narrativas e a distribuição do conteúdo, ganhando mais profundidade quando combinada com os recursos hipermidiáticos, que permitem o acesso a informações adicionais integradas ao texto. Ela apoia-se em quatro elementos fundamentais: base de dados, hipertextualidade, multimidialidade e interatividade. São esses atributos que caracterizam as narrativas hipermidiáticas e permitem aprofundar as informações, contextualizar os acontecimentos e proporcionar ao público uma experiência mais envolvente (Baccin, 2017). Freitas e Schneider (2019), por exemplo, comentam que a narrativa não é linear e fixa, mas organizada em níveis hierárquicos complexos, permitindo múltiplas interpretações.

O poder da interação e participação em relação ao leitor e produtor de conteúdos permite maior proximidade dos mesmos, e isso só é possível graças ao constante crescimento do mundo digital. E apesar das mudanças evolutivas do cenário jornalístico, ele ainda cumpre seu papel social de denúncia e investigação. (Freitas e Schneider, 2019, p.13).

Ao integrar textos, imagens, vídeos e sons, o hipermidiático possibilita múltiplas formas de interpretação e interação. Ampliando a compreensão e o engajamento do público, a interatividade nos meios digitais permite que os usuários participem ativamente da experiência de leitura, escolhendo conteúdos de seu interesse e contribuindo com espaços de comunicação (Colussi e Gomes-Franco, 2017). Diante desse cenário, é possível afirmar que o conceito hipermidiático não apenas transforma o modo como as informações são apresentadas, mas também define as práticas comunicacionais e narrativas no jornalismo digital.



3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nasceu do conhecimento de que em uma área tão grande como a da Reserva Indígena de Dourados, que é composta por três povos, com uma população de mais de 20 mil habitantes, não tem o básico do direito humano, que é a água potável. Ricalde e Thalyta (2025), afirmam que essas comunidades enfrentam uma crise hídrica aguda, que já dura décadas, sendo agravada pela precariedade da rede de abastecimento existente.

Este trabalho, portanto, foi a maneira que encontrei de denunciar este problema. Porém, ele se tornou mais do que um trabalho de finalização de curso, tornou-se também uma grande experiência de aprendizagem, permitindo compreender melhor o problema que impacta as comunidades originárias. Ainda, a criação deste fotolivro hipermidiático possibilitou uma abordagem sensível sobre um problema antigo, por meio da apresentação de histórias diferentes que, ainda assim, compartilham um mesmo contexto. O projeto me fez refletir sobre a gravidade de uma situação que afeta um povo que, há anos, tem seu direito básico negado.

Producir do começo ao fim, e de maneira completa, um fotolivro, me mostrou algumas das dificuldades de encabeçar um processo produtivo denso, no campo do fotojornalismo documental. A produção foi baseada em pesquisas e na organização de materiais visuais, textuais e audiovisuais, que, ao serem incorporadas ao fotolivro, tiveram o objetivo de construir uma narrativa visual complementada, capaz de mostrar, de maneira ética e sensível, a questão da falta da água da RID e como ela afeta os modo de vida dos moradores. Na fase de campo, ainda, conheci um povo muito mais aberto do que pensei que seria, com um desejo profundo de contar seus problemas a alguém que se proponha a ouvi-los. Em todas as casas que estive, fui muito bem recebido e encontrei acolhimento, mesmo diante de um problema recorrente e extremamente impactante. Além de contar essas histórias, procurei realizar um trabalho pautado pela ética e pelo respeito, priorizando uma narrativa consciente e atenta.

Este trabalho também me mostrou que o problema existente na reserva é muito maior do que eu havia imaginado. Nem todas as camadas são visíveis em uma primeira olhada, desatenta e rápida, por isso um fotolivro se mostrou tão pertinente. Contudo, a falta de tempo e a distância me impediram de explorar o tema com mais profundidade. De qualquer forma, acredito que consegui dar um primeiro passo, bem dado, na abordagem desse tema. Com mais tempo e apoio financeiro, desejo me aprofundar ainda mais, para acessar e expor o ponto de



vista a partir de um viés indígena, que sou. O fotolivro não se limitou a ser apenas um produto acadêmico, foi construído com o objetivo de expor um recorte da realidade da RID, especialmente para aqueles que não são indígenas e, como um futuro jornalista indígena, acredito que essa tenha sido a melhor maneira de começar minha jornada.

Com os estudos e práticas desenvolvidas neste trabalho, aprendi que contar uma história nunca é fácil, pois envolve compreender o lado humano. Trabalhar com dedicação e sensibilidade me ajudou a aprimorar minha percepção sobre a profissão, já que o jornalismo tem como propósito ampliar a voz a quem muitas vezes não tem espaço para se expressar. Acredito que consegui cumprir esse papel, e esse processo também me fez crescer como pessoa, me motivando a buscar histórias e experiências com mais atenção e empatia.

Debater uma questão social por meio de uma narrativa jornalística visual, me ajudou a enxergar a profissão de uma maneira diferente, pois nunca pensei, antes de fazer esse trabalho, que pudesse contar histórias de diferentes formas. Ainda, acredito que este produto pode se tornar uma importante ferramenta de educação e conscientização, pois contribui para dar maior visibilidade a um problema que, até 2025, continua sem resolução e que, por isso, parece não ter fim. Ao mesmo tempo, ele documenta um momento de extrema dificuldade vivido por muitas famílias indígenas e evidencia histórias que, muitas vezes, permanecem desconhecidas.

Apesar de todas as dificuldades, acredito que o resultado apresenta um trabalho longo, desafiador e, ao mesmo tempo, enriquecedor, que me proporcionou um aprendizado profundo e um novo olhar sobre as questões que envolve. Acredito que essas etapas, cuidadosamente realizadas, permitiram que esta produção possa vir a se tornar uma via de sensibilização, um meio de denúncia e de (re)conhecimento, especialmente para as pessoas de fora, de um problema que já acontece há tanto tempo no estado de Mato Grosso do Sul.



4 - REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Beldi. **Jovens Indígenas e lugares de pertencimento.** São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória. Laboratório de Estudos do Imaginário, 2007. Disponível em: <https://iwgia.org/en/documents-and-publications/documents/publications-pdfs/other-language-publications/376-usp-book-jovens-ind%C3%ADgenas-e-lugares-de-pertencimentos-2007-portuguese/file.html>. Acesso em: 13 mai. 2025.
- AITH, Fernando Mussa Abujamra; ROTHBARTH, Renata. O estatuto jurídico das águas no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, p. 163–177. São Paulo, Brasil, 2015. Disponível em: scielo.br/j/ea/a/rzjGTQ7yBVbJ3RSkKHb4L7n/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 03 de mai. 2025.
- AMARAL, Graciele de Fátima. A literatura dos povos indígenas: uma análise de obras literárias na escola. In: **XIII Congresso Nacional da Educação**, 8, 2017, Curitiba-PR. Anais[...]. Curitiba: PUCPRess - Editora Universitária Champagnat, p. 24071-24081.
- ARAGÃO, Naara Siqueira de; BERGAMIN, Alexandre. Da desterritorialização à territorialização precária da reserva indígena de dourados e os impactos nos indicadores em saúde. **XIV encontro nacional de pós-graduação e pesquisa em geografia**, Dourados. Campina Grande: Realize Editora. 21 dez. 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78296>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- ARAGÃO, Naara Siqueira de. **Exclusão social e iniquidades em saúde: estudo de caso da Reserva Indígena de Dourados-MS**. 2016. 123p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2016. Disponível em: repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/1439/1/NaaraSiqueiradeAragao.pdf. Acesso 13 mai. 2025.
- BACCIN, Alciane. A narrativa *longform* em reportagens hipermídia. **Revista Acadêmica Semestral Programa de Pós-Graduação em Jornalismo**. Universidade Federal de Santa Catarina, v 14 n.1. jan-jun. Santa Catarina/RS, 2017. Disponível em: [Vista do A narrativa longform em reportagens hipermídia](http://www.ufsc.br/~pgrj/revista/index.php?view=article&id=111). Acesso em: 08 mai.2025.
- BADGER, Gerry. Por que fotolivros são importantes. **Revista Zum**, 31 ago. 2015. Disponível em: [Por que fotolivros são importantes - ZUM - ZUM](http://www.revistazum.com.br/por-que-fotolivros-sao-importantes-zum-zum/). Acesso em: 09 mai. 2025
- BILCK, Kharlla Franco dos Santos ; MORATO, Priscila Neder. Análise do saneamento básico e as doenças relacionadas em Mato Grosso do Sul. **Revista Multitemas**, v. 29 n. 73, p. 75-93. (UCDB). set./dez. Campo Grande/MS 2024 . Disponível em: [Análise do saneamento básico e as doenças relacionadas em Mato Grosso do Sul | Multitemas](http://www.ucdb.br/revistas/multitemas/index.php?view=article&id=111). Acesso em: 03 de mai 2025.
- BITTENCOURT, C. M; LADEIRA, M. Et. **A história do povo Terena. Brasília:** MEC, 2000. Disponível em: [A História Do Povo Terena | PDF | Povos indígenas das Américas](http://www.mec.gov.br/pt-br/programas-e-projetos/povos-indigenas/producao-e-distribuicao-de-materiais-para-a-educacao/mais-de-100-livros-sobre-o-povo-terena/). Acesso em: 13 mai. 2025.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao_compilado.htm. Acesso em: 13 mai. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Programa Nacional de Saneamento Rural. Brasília, DF: FUNASA, 2019.
- BRACCHI, Daniela Nery. Entre imagens e o folhear de páginas: anotações sobre a narrativa fotográfica e o livro. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, Belo Horizonte**, v. 15, n. 33, p. 486–504, 2025. Disponível em: [Entre imagens e o folhear de páginas: anotações sobre a narrativa fotográfica e o livro | PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG](http://www.eba.ufmg.br/pous/2025/33/index.php?view=article&id=111). Acessado em: 26 out. 2025.
- BOMBONATI, Letícia Azevedo de Andrade e BRACCHI, Daniela Nery. Croa: Fotolivro e Design. **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (INTERCOM)**. Set. 2016. Carau: UFPE. Acessado em: 30 out. 2025.



CAPURRO, R. Dores e delícias da era digital. **Entrevista concedida à Revista Cult**, AnoVII, no. 93, abril de 2013, p.5-13. Disponível em:[\(99+\) Entrevista com o Prof. Dr. Rafael Capurro \(A dor e a delícia da Era digital\)](#). Acesso em: 13 mai. 2025.

COLE, Teju. **Smell the ink and drift away: why I find solace in photobooks**. 2020. Feb 24. Disponível em: [Smell the ink and drift away: why I find solace in photobooks | OurDailyRead](#). Acessado em: 25 out. 2025.

COLUSSI, Juliana E GOMES-FRANCO, Flávia. **Do jornalismo de dados à narrativa hipermídia: um estudo de caso dos jornais brasileiros ‘folha’ e ‘estadão’**. 28 Ago. 2017. Disponível em: [\(99+\) Do jornalismo de dados à narrativa hipermídia: um estudo de caso dos jornais brasileiros ‘Folha’ e ‘Estadão’](#). Acessado em 26 out. 2025.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. Política indigenista no século XIX. História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 133-154.

DALHUISEN, Fernanda A. P. ; MELLO, R. L. S. A cultura visual e as interações humanas num mundo cada vez mais centralizado no olhar. **Anais do VIII Seminário leitura de imagens para a educação: múltiplas mídias**, Florianópolis, p.19-28. 16 set. 2015. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/ceart/id_cpmenu/7175/Artigo02_16486300065876_7175.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

EREMITES DE OLIVEIRA, J..A história indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul. **Espaço Ameríndio (UFRGS)**, v.6, n.2, p.178-218. Porto Alegre. jul./dez.. 2012. Disponível em: [A HISTÓRIA INDÍGENA NO BRASIL E EM MATO GROSSO DO SUL | Espaço Ameríndio](#). Acesso em: 24 abr. 2025.

ESTIGARRIBIA, A. M. V. **Informe da Inspetoria do Estado de Mato Grosso**. Rio de Janeiro: SPI, 1926. Documentação do Museu do Índio-Funai.

FELDHUES, Marina. A narrativa dos fotolivros: ordenação das fotografias. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 12., 2019, Natal, RN. **Anais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia**. Rio de Janeiro, RJ: Alcar, 2019. Disponível em História da Mídia Impressa: [Anais – Eventos Nacionais – 12º Encontro – 2019 – Alcar](#). Acesso em: 4 mai. 2025.

FERNANDES, David Augusto. Acesso à água potável como direito fundamental do ser humano .**Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 18, n. 2, p.1-33. jul./out. Santa Maria/RS, 2023. Disponível em: [ACESSO À ÁGUA POTÁVEL COMO DIREITO FUNDAMENTAL DO SER HUMANO | Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM](#). Acesso em: 03 de mai. 2025.

FRAIHA, Mylena. Sofrimento antigo, saiba como a falta d'água gerou tantos protestos indígenas. Campo Grande News, Campo Grande, 2024. Disponível em: [Sofrimento antigo, saiba como a falta d'água gerou tantos protestos indígenas - Cidades - Campo Grande News](#). Acesso em: 13 mai. 2025.

FUNDAÇÃO BIENAL. Entrevista com Ailton Krenak. **Entrevista realizada pela equipe da Fundação Bienal**. São Paulo. 09 out. 2019. Disponível em: <https://bienal.org.br/wp-content/uploads/imgs/86af4d2fa0d1a39b8d4bfe1a484e2844.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2025.

FREITAS, Gabriel e SCHNEIDER, Greice. Construção narrativa em reportagens multimídia no jornalismo visual contemporâneo: uma análise da categoria digital Storytelling do world press photo. **SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo IX Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR) Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Go. Nov.2019**. Disponível em: [Construção da narrativa em reportagens multimídia no jornalismo visual contemporâneo: uma análise da categoria digital storytelling do world press photo | Galoá Proceedings](#). Acessado em: 25 out. 2025.

FORLÉO, Carolina Araujo. Entre silêncio e diálogo: uma reflexão sobre interações de textos e imagens em fotolivro. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. PUC Minas. 2023**. Disponível em:



https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_acente/nacional/11/0814202316514364da85cf55b8a.pdf. Acessado em 23 out. 2025.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Ausência e produção do esquecimento: História indígena em Mato Grosso do Sul. **Fronteiras, Revista de História V. 2, n. 4 (1998), p. 103-122.** jan. Campo Grande, 2021. Disponível em: [Ausência e produção do esquecimento história indígena em Mato Grosso do Sul | Fronteiras](#). Acesso em: 05 mai. 2025.

HAESBAERT, Rogerio. Território e Região numa constelação de conceitos. In: **Espaço e Tempo: Anais do ANPEGE**. Curitiba: ADEMADAN, 2009, p. 621-634.

HENG, Terence. **Creating Visual Essays: Narrative and Thematic Approaches**, in Pauwels, L and Mannay, D (eds) The Sage Handbook of Visual Research Methods. pp 617-628, London, 2019 Disponível em: [\(99+\) Creating Visual Essays: Narrative and Thematic Approaches](#). Acesso em: 09 mai. 2025.

HENRIQUE, Fernanda, MARGADONA AKEMI Laís, GADOTTI Marcella. Educação Grafica. **O pensar híbrido contemporâneo no design e na fotografia: diálogos entre o artesanal e o digital**. 2017. Abr. Vol.21,p.198-208. Disponível em: [O PENSAR HÍBRIDO CONTEMPORÂNEO NO DESIGN E NA FOTOGRAFIA: DIÁLOGOS ENTRE O ARTESANAL E O DIGITAL / THE CONTEMPORARY HYBRID THINKING IN DESIGN AND PHOTOGRAPHY: DIALOGUES BETWEEN HANDCRAFTED AND DIGITAL TECHNIQUES | Revista Educação Gráfica](#).

Acessado em: 22 out. 2025.

HOLANDA, Lucas Effgem de. Desumanização dos povos originários e sua representação na mídia e na sociedade brasileira: explorando estereótipos, preconceitos e caminhos para uma representação positiva. **Revista da Emeron v. 2, n. 34, p. 50-58.** dez. Porto Velho, 2024.

ILIS VITOR. Mato Grosso do Sul: 45 anos de desenvolvimento do estado por meio da agropecuária. FAMASUL, Campo Grande, 2022. Disponível em: [Mato Grosso do Sul: 45 anos de desenvolvimento do estado por meio da agropecuária | Agropecuária MS | Sistema Famasul](#). Acesso em: 08 de mai. 2025.

LOMBARDI, Kátia Hallak. Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. **Discursos Fotográficos, v. 4, n. 4, p. 35-58.** Belo Horizonte/MG, 2008. Disponível em: [Vista do Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea](#). Acesso em: 13 mai. 2025.

MAGNI, Lolita Fernanda. Narrativas Visuais em Fotolivros. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. PUCRS. set. São Paulo/SP, 2016 Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1499-1.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2025.

MAZZILLI, Bruna. Contribuições da montagem cinematográfica para a construção de narrativas visuais em fotolivros: um olhar sobre Aprox. 50.300.000, de Felipe Abreu. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. USP. set. Joinville/SC, 2018 Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1512-1.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2025.

MAZZILLI, Bruna Sanjar. **O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: [\(99+\) O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental](#). Acesso em: 12 nov. 2025.

MENEZES, Paula Mendonça de. Repensando a questão indígena na escola. **Moitará: revista Eletrônica da Fundação Araporã**, v.1, n. 1, p.24-33. Araraquara, SP, 2014. Disponível em: https://fundacaoarapora.org.br/wp-content/uploads/2022/05/V1_N1_2014.pdf. Acesso em: 4 mai. 2025.

MURA, Fábio, SILVA, Alexandra Barbosa da, ALMEIDA, Rubem Ferreira Thomaz de. Relações de poder e processo de descolonização na Reserva Indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul). **Horiz.**



antropol., Porto Alegre, ano 26, n. 58, p. 349-379, set./dez. 2020. Disponível em: [SciELO Brasil - Relações de poder e processo de descolonização na Reserva Indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul: uma análise](#) [Relações de poder e processo de descolonização na Reserva Indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul: uma análise](#). Acesso em: 03 mai. 2025.

NASCIMENTO JÚNIOR, Jakson Pessoa do, FIGUEIREDO JÚNIOR, Paulo Matias de. A interseção contemporânea entre fotografia e livro: perspectivas documentais e narrativas no fotolivro. **Revista temática, v. 20 n. 10, p. 108-117.** out. UFPB, Paraíba, 2024. Disponível em: [Vista do A interseção contemporânea entre fotografia e livro: perspectivas documentais e narrativas no fotolivro](#). Acesso em: 4 mai. 2025.

OLIVEIRA, L. Fotografia documental e início do fotojornalismo. **Comunicação & Informação, v. 2, n. 1, p. 63-77.** fev. Goiânia/GO. 2013. Disponível em: [Vista do Fotografia documental e início do fotojornalismo](#). Acesso em: 13 mai. 2025.

CIDA OLIVEIRA. **Países ignoram a ONU e não reconhecem água como direito humano.** Instituto Humanitas Unisinos. **Rede Brasil Atual - RBA,** 2018. Disponível em: [Países ignoram ONU e não reconhecem água como direito humano - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#). Acesso em: 01 de junho. 2025.

ONU. Declaração de Dublin sobre Água e Desenvolvimento Sustentável. 1992a Disponível em: [The Dublin Statement on Water and Sustainable Development - UN Documents: Gathering a body of global agreements](#). Acesso em: 13 mai. 2025.

PAEL, Wellington. Anunciados novos investimentos em infraestrutura para atender a falta de água em aldeias. **Tá na Hora MS.** 7 mai. 2025. Disponível em: [Anunciados novos investimentos em infraestrutura para atender falta de água em aldeias](#). Acesso em: 09 mai. 2025.

PEIXOTO, Kércia Priscilla Figueiredo. Racismo contra Indígenas: reconhecer é combater. **Revista Anthropológicas, Ano 21, V. 28, 2017, p. 27-56.** Pará. abr. 2017. Disponível em: [\(PDF\) Racismo contra indígenas: reconhecer é combater..](#) Acesso em: 22 abr. 2025.

PINTO, Alyre Marques, RIBAS, Lídia Maria. Novo marco legal do saneamento básico: uma contribuição para a efetividade do direito à água potável e ao saneamento no Brasil . **Revista Auditorium, v. 26, n. 55, p. 84-119.** jul./out. Rio de Janeiro, 2022. Disponível ricaldepaelem: [NOVO MARCO LEGAL DO SANEAMENTO BÁSICO | Revista da Seção Judiciária do Rio de Janeiro](#). Acesso em: 03 de mai. 2025.

RAMPANZO, Karina. O design nas definições de fotolivro. **Revista Recorte.** out. 2024 Disponível em: [O design nas definições de fotolivro - Revista Recorte](#). Acesso em: 09 mai. 2025.

RAMPANZO, Karina. Fotolivros e narrativa visual: o design como articulação indispensável das imagens. **PED 2024, Design Manaus. 15º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design.** 2024. Manaus (MS). Disponível em: [\(99+\) Fotolivros e narrativa visual: o design como articulação indispensável das imagens](#). Acesso em: 22 out. 2025.

RAMPANZO, Karina. **Relação entre Design e Imagem: o Fotolivro como espaço de experiência.** Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2025. Disponível em: [Relações entre design e imagem : o fotolivro como espaço de experiência.](#) Acesso em 13 nov. 2025.

REZENDE, Flávia, COLA, Cláudio dos Santos Dias. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Ensaio, pesquisa em educação em ciências, v. 6, n. 2, p.1-11,** Universidade Estácio de Sá. jul-dez. Rio de Janeiro. 2004. Disponível em: [Hipermídia na educação: flexibilidade cognitiva, interdisciplinaridade e complexidade | Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências](#). Acesso em: 8 mai.2025.

RIBEIRO, Sávila de Oliveira Macêdo. Impactos da colonialidade da sociedade brasileira: painel histórico-social da contribuição jurídica para a invisibilização dos indígenas. Universidade Federal de Uberlândia (UFU. ago. Uberlândia, 2022. Disponível em: [ImpactosColonialidadeSociedade.pdf](#). Acesso em: 03 mai. 2025.



RICALDE, Debora, THALYTA, Andrade. Sede e espera: o drama da falta de água para famílias indígenas em uma das maiores reservas do Brasil. **g1 MS e Tv morena**, 12 abr. 2025. Disponível em: [Sede e espera: o drama da falta de água para famílias indígenas em uma das maiores reservas do Brasil | Mato Grosso do Sul | G1](#). Acesso em: 09 mai. 2025.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Revista da Ciência da Informação**, v. 36, n. 3, p. 67-76. set./dez. Brasília, 2007. Disponível em: [Análise e tematização da imagem fotográfica | Ciência da Informação](#). Acesso em: 4 mai. 2025.

SANTANA JUNIOR, J. R. A reserva indígena de Dourados-MS: Considerações iniciais sobre o modo de vida Guarani. in: XII Encontro de Geógrafos da América Latina, 2009, Montevidéu. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/54.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2025.

SANTAELLA, L. Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, n. 2, p. PUC-SP. São Paulo. 2014. Disponível em: [Vista do Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia](#). Acesso em: 8 mai. 2025.

SANTOS, Ana Carolina Lima. O fotodocumentário para além da factualidade: o virtual como dimensão essencial da fotografia documental. **Revista Icone**, v. 14, n.1, p. 63–77. ago. UFMG. Belo Horizonte/MG. 2012. Disponível em: [Vista do O fotodocumentário para Além da Factualidade: o virtual como dimensão essencial da fotografia documental](#). Acesso em: 13 mai. 2025.

SANTOS, S.C. et al. (Org.). Sociedades indígenas e o direito: uma questão de direitos humanos. Florianópolis: UFSC, 1985.

SANESUL. Sanesul e Aegea assinam contrato da Parceria Público Privada para universalização do esgotamento sanitário de MS. Sanesul, Campo Grande, 2021. Disponível em: [SANESUL - Empresa de Saneamento de Mato Grosso do Sul](#). Acesso em: 04 jun. 2025.

SILVA, Sara, MADUREIRA, Marta, TAVARES, Paula. **O livro ilustrado digital e o livro ilustrado impresso, p.479-493**. Confia. International Conference on Illustration & Animation Ofir. Portugal.nov. 2012. Disponível em: [\(99+\) O LIVRO ILUSTRADO DIGITAL E O LIVRO ILUSTRADO IMPRESSO, POSSIBILIDADES DE TRANSIÇÃO](#). Acesso em 13 nov. 2025.

SHANNON, Elizabeth. **The Rise of the Photobook in the Twenty-First Century**. 2010. Vol.14. St Andrews Journal of Art History and Museum Studies. Disponível em: [Rise of Photobook - Elizabeth Shannon | PDF | Books | Auction](#). Acesso em: 25 out. 2025.

SILVA, A. B da. **Mais além da “aldeia”: território e redes sociais entre os guarani de Mato Grosso do Sul**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, Lais Lima de, SILVA, Rhuan Carlos Rodrigues, REIS, Verônica Amado. Invisibilidade e marginalização étnica-social dos povos indígenas no processo histórico de formação do Brasil: uma análise à luz de *Iracema. revista ao pé da letra*, v 20. n.2, p. 185-200. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Pernambuco, 2018. Disponível em: [Vista do Invisibilidade e marginalização étnico-social dos povos indígenas no processo histórico de formação do Brasil: uma análise à luz de Iracema](#). Acesso em: 03 mai. 2025.

THOMAZ DE ALMEIDA, R.; MURA, F. Levantamento situacional sobre o Posto Indígena Dourados – Mato Grosso do Sul. Dourados: MPF, 2003. Mimeografado. Acesso em: 03 mai. 2025.

THOMAZ DE ALMEIDA, R. Do desenvolvimento comunitário à mobilização política: o Projeto Kaiowá-Ñandeva como experiência antropológica. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001. Acesso em: 03 mai. 2025.

TROQUEZ, M. C. C. **Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico: a Reserva Indígena de Dourados (1960-2005)**. 2006. Dissertação (Mestrado História). Dourados, MS: UFGD. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/322/1/MartaCoelhoCastroTroquez.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2025.



ZANCUL, Juliana de Senzi. Direitos Humanos à Água e ao Saneamento e a Política de Saneamento Básico no Brasil . **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário,v.4, n.2, p.23-46.** abr/jun. Brasília, 2015. Disponível em: [Direitos Humanos à Água e ao Saneamento e a Política de Saneamento Básico no Brasil | Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário](http://www.ufms.br/cadernos_iberoamericanos_de_direito_sanitario/v4n2.html). Acesso em: 22 abr. 2025.



APÊNDICE

Apêndice 1 - Bastidores



Ida para Reserva - Foto: Helder Carvalho



Entrevista com Ubaldo Gonçalves - Foto: Helder Carvalho



Entrevista com Luciene Fernandes - Foto: Helder Carvalho



Entrevista com o Capitão Ramão Fernandes - Foto: Helder Carvalho



Entrevista com o Elizeu Rodrigues - Foto: Helder Carvalho



Entrevista com o Floriza Sol e George da Silva- Foto: Helder Carvalho



Apêndice 2 - Roteiro de Perguntas

Roteiro de perguntas para as famílias

1. Qual seu nome completo?
2. Sua idade?
3. Você tem alguma profissão? qual é?
4. Você tem tido problemas com a falta de água?
5. Há quanto tempo você tem tido esse problema?
6. Com que frequência falta água na sua casa?
7. A água chega todos os dias? Uma vez por semana? Fica dias sem vir?
8. Como vocês fazem quando não tem água disponível? Buscam em outro lugar? Compram? Guardam em baldes?
9. Essa situação tem prejudicado sua família? De que forma? Como casos de diarreia, doenças de pele, dificuldade para cuidar da higiene?Qual a faixa etária que mais sofre com isso?
10. Como essa situação da água afeta seu trabalho profissional?
11. As autoridades (como Prefeitura, Funai, Governo) têm ajudado de alguma forma?
12. Eles já procuraram vocês? se procuraram qual foi a ajuda que ofereceram? foi cumprida?
13. Vocês já tentaram reclamar ou pedir ajuda oficialmente? O que aconteceu?

Roteiro de perguntas para as lideranças

1. Qual seu nome completo?
2. Sua idade?
3. Você é o que aqui da reserva?
4. Com que frequência falta água na comunidade? A água chega todos os dias? Uma vez por semana? Fica dias sem vir?
5. Como vocês fazem quando não tem água disponível? Buscam em outro lugar? Compram? Guardam em baldes?
6. Essa situação tem prejudicado a saúde da comunidade, tipo casos de diarreia, doenças de pele, dificuldade para cuidar da higiene?



Apêndice 3 - Documentos

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, _____, inscrito(a) no CPF sob o nº _____.

AUTORIZO, de forma gratuita, a utilização da minha imagem, voz, declarações, textos e demais registros audiovisuais (fotos, vídeos, áudios ou entrevistas), captados em qualquer formato, para fins estritamente acadêmicos e jornalísticos, relacionados ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Eiel de Oliveira Dias, acadêmico do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), RGA: 2022.2907.014-0.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como proposta a criação e veiculação na forma de um fotolivro hipermediático da abordagem sobre a falta de acesso à água na Reserva Indígena de Dourados, reunindo fotos, vídeos, textos e áudios de entrevistas. A produção busca retratar a realidade a partir da perspectiva dos próprios moradores, investigando as possíveis causas do problema e, principalmente, dando visibilidade à vivência cotidiana dessa comunidade indígena, com foco em um jornalismo humanitário e sensível à sua luta.

Declaro estar ciente de que não haverá nenhum ganho financeiro com a realização ou divulgação deste trabalho, sendo sua finalidade exclusivamente acadêmica. Os materiais produzidos poderão ser utilizados nas seguintes situações:

- Apresentação e defesa do TCC junto à banca examinadora da UFMS;
- Publicações e mostras acadêmicas da universidade;
- Participação em eventos, feiras, premiações ou concursos acadêmicos e jornalísticos que envolvam trabalhos universitários;
- Divulgação em plataformas digitais ou físicas vinculadas ao projeto acadêmico.

Esta autorização é concedida de forma livre, gratuita, irrevogável e irretratável, e nada terei a reclamar a título de direitos autorais, de imagem ou de voz, agora ou futuramente, relativos ao uso acima descrito.

Campo Grande – MS, ____ de ____ de 20 ____.

Assinatura do(a) Autorizado(a): _____

Autorização de imagem



TERMO DE COMPROMISSO

Eu, _____, professor/aluno de (graduação, pós-graduação), da Universidade _____, portador do RG nº _____, órgão expedidor/UF _____ e CPF nº _____, coordenador da pesquisa intitulada _____ como requisito para ingresso na Terra Indígena _____, povo indígena _____, aldeia _____, conforme Processo Funai nº _____ no período de _____/_____/20____ a _____/_____/20_____, com a finalidade de realizar registros fotográficos, sonoros e audiovisuais, para fins da referida pesquisa, **COMPROMETO - ME A:**

1. respeitar os usos e tradições indígenas e abster-me de proceder a exigências constrangedoras excessivas ou abusivas para com os indígenas, submetendo-me às disposições da Constituição Federal de 1988 , da Lei Federal nº 6.001 de 1973 - Estatuto do Índio, da Portaria nº 177/PRES/FUNAI de 2006 e da Lei nº 9.610 de 1998;
2. não veicular qualquer informação ou adotar procedimento que atente contra a autonomia, a honra e a dignidade individual ou coletiva dos povos indígenas envolvidos, que promova visões preconcebidas ou estereotipadas sobre esses povos ou que estimule o ódio, a intolerância ou o etnocentrismo;
3. utilizar os registros fotográficos, sonoros e audiovisuais exclusivamente para fins do projeto de pesquisa intitulado " _____";
4. não fazer nenhum uso do material coletado para além dos objetivos anuídos pelos indígenas retratados, em conformidade com o Processo Funai nº _____;
5. remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas - AAEP/FUNAI, em duas vias, monografia, relatórios, artigos, livros, gravações, imagens e outras produções oriundas da pesquisa ou do projeto;
6. remeter à FUNAI documento original de Termo de Licença de Uso de Imagem firmado com os indígenas retratados ou seus representantes, durante o período autorizado pela Funai para o ingresso em terra indígena.

O descumprimento das condições estabelecidas neste Termo de Compromisso, em conformidade com a CF/88, Art. 5º, e com a Portaria nº 177/PRES/FUNAI/2006, sujeita o infrator às sanções previstas na legislação vigente, bem como ao cancelamento da Autorização de Ingresso em Terra Indígena por parte da FUNAI-MJ.

Qualquer outra utilização do material coletado, para além do objeto deste Termo de Compromisso, inclusive para exploração econômica, deverá ser objeto de novo processo de autorização junto ao indígena ou ao povo indígena, retratados e à Fundação Nacional do Índio.

Declaro verdadeiras todas as informações prestadas neste Termo de Compromisso.

_____ - _____, _____ de _____ de 2017.

(nome do/a pesquisador)

Termo de compromisso